

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” (UNESP)
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL: RELAÇÕES PÚBLICAS



GIRL RISING- CIBERATIVISMO COMO FORMA DE ENGAJAMENTO SOCIAL

YASMIN MARQUES DE SOUZA

BAURU
2014

YASMIN MARQUES DE SOUZA

GIRL RISING- CIBERATIVISMO COMO FORMA DE ENGAJAMENTO SOCIAL

Projeto Experimental apresentado por Yasmin Marques de Souza, sob orientação da Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru, atendendo à Resolução 002/84, do Conselho Federal de Educação, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social: Relações Públicas.

Bauru
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL: RELAÇÕES PÚBLICAS

YASMIN MARQUES DE SOUZA

GIRL RISING- CIBERATIVISMO COMO FORMA DE ENGAJAMENTO SOCIAL

Aprovado em:

Orientação

Prof. Doutor Cláudio Bertolli Filho
Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”
(Campus Bauru)

Banca Examinadora

Prof. Doutor Juarez Tadeu de Paula Xavier
Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”
(Campus Bauru)

Prof^a Doutora Raquel Cabral
Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”
(Campus Bauru)

Bauru
2014

Agradecimentos

Fui criada numa família de mulheres, onde fui valorizada por ser como era e onde sempre fui incentivada a ser o que ou quem eu quisesse. Tive como exemplo mulheres fortes, determinadas, corajosas, sábias e ao mesmo tempo doces, engraçadas ternas e carinhosas. Vivi num ninho de cuidado, compreensão, estímulo intelectual e muito amor; então, quando saí pro mundo e vi que nem todas as pessoas tinham isso percebi o quanto eu era privilegiada. Vó, tia e primas, mamãe e ermã, minhas queridas, a minha eterna e incomensurável gratidão.

Agradeço também as minhas meninas de Bauru, meu grupo de almas afins que me acolheu desde o começo. Renata, Raissa, Natássia, Larissa, Mayra, Mércia, Camila e Mariana, foi por vocês que eu fiquei e sem vocês nada disso teria valido a pena.

Uva, Popo, Babyby, Lu, Mariah, Giu, Ly, Coco e, apesar de tudo, Coca. Minhas Rep. Roots e Rep. Hour queridas: obrigada pelos melhores e mais inesquecíveis momentos, carregue vocês no coração. Um agradecimento especial a Bicuda que por sua hospitalidade e gentileza ao me receber fizeram com que me sentisse bem vinda no momento em que cheguei, amenizando meu medo e me fazendo sentir segura.

Cirs, Lori, Luci, Juh, Cica, Tia Lílian, Terê, Paloma, Mola, Penny, Teco, Lipe, Rute/Raquel, e Alcione; Maria da Penha, vocês são sensacionais e estes quase dois anos foram maravilhosos. Obrigada por tudo, xófens! Um peixão em seus corações.

Aos meus amigos do mundo, de perto, de longe e aos amigos de Sorocaba, obrigada por estarem comigo.

Muitíssimo obrigada, Puka, pela ajuda com o documentário.

Agradeço também ao professor Cláudio Bertolli Filho, que possibilitou que minhas intenções quanto ao tema deste trabalho fossem concretizadas, também por sua paciência e gentileza.

Agradeço aqueles que me conquistaram e aqueles a quem conquistei, pois entre nossas aventuras e desventuras cresci e me conheci melhor.

Obrigada ao lanchinho da madrugada e às músicas de auto-ajuda, às crises de choro e aos livros amigos.

Obrigada Bauru, por me proporcionar esse ambiente tão seguro para que eu pudesse me jogar, fazer as maiores loucuras sem nunca ter saído seriamente machucada ou desiludida.

Por fim, mas não menos importante, obrigada também a Deus, essa entidade una, eterna e incansavelmente amorosa por ter olhado por mim e pelas oportunidades, farei o meu melhor.

Valeu, foi bom, adeus!

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres que lutaram para que hoje eu pudesse estar numa faculdade desenvolvendo minhas potencialidades e tendo poder de escolha. Sua luta não foi e jamais será em vão. Rumo à igualdade.

*"We are all one, we own nothing, and we share this place.
We are all together, the human race.*

*I'm sick and tired of this same old hate, why can't
we be there for each other? Help our brothers and
respect our earth mother, develop as equals into
something great.*

*There's no turning back now, we can't escape.
The future is coming and it might be too late to
understand that we just can't wait.*

*You gotta act upon it, show'em you're brave. Just
hold your breath, the justice is on the horizon and this
past of wrongness, anger and solitude will be erased."*

Yasmin

Resumo

Este trabalho procurou estudar o histórico social da mulher, da educação e a prática do ciberativismo, que consiste da luta em prol de causas que beneficiem a sociedade, como forma de engajamento social. Através do profundo estudo teórico foi possível analisar a campanha escolhida, 10X10, e relacionar a importância da prática do comprometimento pessoal junto de apoio a causas de interesse global. Assim, sendo possível averiguar a relevância das ações via internet, seu alcance, sua eficácia e método de atuação, proporcionando voz e força a causas de conteúdo altruísta.

Palavras-chave: Educação, mulher, feminismo, ciberativismo, internet, rede.

Abstract

This analysis sought to study the social history of women, education and practice of cyber-activism, which consists of the struggle for causes that benefit society as a manner of social engagement. Through thorough theoretical study it was possible to analyze the campaign, 10X10, and relate the importance of the practice of personal commitment to support causes of global interest. Thus, it is possible to ascertain the relevance of actions via the Internet, its reach, its effectiveness and method of operation, providing voice and force to altruistic causes.

Keywords: Education, women, feminism, cyber activism, internet, web.

Lista de Figuras

Figura 1- Reprodução da homepage do site girlrising.com. Em: http://www.girlrising.com/ .	52
Figura 2- Reprodução da página com os links do site girlrising.com. Em: http://www.girlrising.com/	53
Figura 3- Reprodução da página de propagação do filme. Em: http://www.girlrising.com/ ...	54
Figura 4- Reprodução do trecho de incentivo da página de doação. Em: http://www.girlrising.com/	55
Figura 5- Reprodução do link de doação. Em: http://www.girlrising.com/	56
Figura 6- Reprodução do formulário de doação. Em: http://www.girlrising.com/	56
Figura 7- Reprodução da página que convida o usuário a se associar. Em: http://www.girlrising.com/	57
Figura 8- Reprodução da homepage das mídias sociais da campanha, em sentido horário, nos sites: facebook, twitter, google + e youtube.....	58
Figura 9- Reprodução retirada da internet. Em: http://www.flickr.com/photos/10x10act	61
Figura 10- Reprodução retirada da internet. http://www.flickr.com/photos/10x10act	62
Figura 11- Reprodução retirada da internet. Em: http://www.flickr.com/photos/10x10act	63
Figura 12- Reprodução retirada da internet. Em: http://www.flickr.com/photos/10x10act	64
Figura 13- Reprodução retirada da internet. Em: http://www.flickr.com/photos/10x10act	65
Figura 14- Reprodução retirada da internet. Em: http://www.flickr.com/photos/10x10act	66
Figura 15- Reprodução retirada da internet. Em: http://www.flickr.com/photos/10x10act	67
Figura 16- Reprodução retirada da internet. Em: http://www.flickr.com/photos/10x10act ...	68
Figura 17- Reprodução retirada da internet. Em: http://www.flickr.com/photos/10x10act	69

Sumário

1-) INTRODUÇÃO	11
2-) A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IMAGEM DA MULHER	14
2.1-) A MULHER NO MUNDO ANTIGO	14
2.2-) DA IDADE MÉDIA ATÉ A IDADE MODERNA	19
2.3-) DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL À CONTEMPORANEIDADE	23
3) A EDUCAÇÃO	30
3.1) <i>DESENVOLVIMENTO E INFLUÊNCIA DO ILUMINISMO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA</i>	<i>30</i>
3.2-) CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS DOIS HEMISFÉRIOS	39
3.3) UMA VISÃO QUESTIONADORA DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	40
4-) UM POSSÍVEL INSTRUMENTO DE MUDANÇA SOCIAL	45
4.1-) <i>UMA BREVE INTRODUÇÃO AO CIBERATIVISMO</i>	<i>45</i>
4.2-) O INSTRUMENTO	51
4.3-) CAMPANHA 10X10	52
4.4-) GIRL RISING.....	59
4.4.1-) UMA GAROTA COM CORAGEM É UMA REVOLUÇÃO	60
5-) Considerações finais	70
Referências	73

1-) INTRODUÇÃO

O mundo se encontra num momento de grandes mudanças, tanto tecnológicas quanto sociais e culturais. Entretanto é visível que muitas coisas continuam funcionando de maneira retrógrada e pouco evoluída. A educação, por exemplo, que deveria ser acessível a todos, pois condiz com o básico da dignidade humana, em alguns lugares ainda é privilégio de poucos. Países em desenvolvimento, por exemplo, a educação é uma prerrogativa masculina e é vedado o acesso a mulher. Com isso é possível perceber que mesmo com todas as conquistas alcançadas pelo movimento de libertação e equalização da mulher muito ainda deve ser conquistado.

Através de um estudo aprofundado da história da mulher, da educação e de uma busca pessoal pela internet foi possível averiguar a necessidade de ações direcionadas a educação feminina como um modo de se transformar a realidade de forma positiva. Com o uso da internet disseminado nos dias de hoje e a facilidade de acesso e troca se torna plausível realizar ações engajadas pela rede. Unindo essas temáticas foi possível encontrar uma campanha na web que se nortearia por essas ambições.

Com isso em mente e os avanços tecnológicos surge um novo tipo de ativismo, o ciberativismo. A internet é um território “livre” sem barreiras espaciais, temporais e culturais; é possível alcançar qualquer lugar e qualquer pessoa num ínfimo espaço de tempo o que torna a comunicação, a propagação de acontecimentos, causas e informações ao redor do mundo tremendamente veloz. É também, de certa forma, uma reprodução da vida real, pois se criam laços, desenvolvem-se amizades e é fácil encontrar seus semelhantes neste ambiente amplo e diverso.

Isso leva ao surgimento da necessidade de se fazer algo a respeito, pois conhecimento é poder e liberdade. Este trabalho é pautado neste ideal, na crença de

que levar a educação às mulheres é primordial para o desenvolvimento pessoal e para a melhoria de vida nas comunidades e, por extensão, nas nações.

Ocorre uma coletivização de interesses e particularidades o que acaba por gerar um campo fértil de engajamento social. Nesse contexto surgem campanhas que tem como meta a resolução de problemas globais, assim como a 10X10, campanha utilizada nesse trabalho que trata de dar enfoque no fato de a educação feminina ser fonte de mudanças benéficas na sociedade.

Foi utilizada a campanha como um modo de ciberativismo que une pessoas em prol de uma causa por ter sido quase que estritamente veiculada através da internet e ter usado das mídias sociais para divulgar o filme, que é o pilar sustentador da campanha.

Portanto, considerando a conexão entre pessoas, internet e causas sociais é plausível dizer que o ciberativismo se torna um novo componente útil e eficaz na tentativa de criar novos paradigmas e lutar por causas de interesse internacional via rede.

2-) A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IMAGEM DA MULHER

2.1-) A MULHER NO MUNDO ANTIGO

“O mundo sempre pertenceu aos machos” (Beauvoir, 1970, p. 80). Supõe-se que desde as primeiras bases da civilização o homem tem sido responsável pela conquista do mundo que se encontrava exterior ao abrigo. Pela necessidade de sobrevivência e de defesa contra a natureza e devido sua força física o homem ficou responsável pelo desbravamento do mundo que o cercava.

A mulher, por sua condição física e biológica, já que a natureza não lhes fornecia períodos de esterilidade como aos outros animais e como mantenedoras dos frutos que dariam continuidade as linhagens, fossem elas matrilineares ou não, eram mantidas no ambiente doméstico, onde se pudesse protegê-las e aos bebês das intempéries do mundo externo.

Ocupadas com atividades que, apesar de contribuírem com o bem estar dos grupos, geralmente eram consideradas de menor importância e dignidade. Pois o valor nos homens se encontrava no destemor e no desprendimento a vida, demandas em busca de alimento eram celebradas com danças e consideradas até mesmo sagradas, aqueles que retornavam banhavam-se em glória e traziam orgulho e honra as suas tribos.

Por ficar para trás, por conta de seu aspecto biológico e por conta de seus laços com os filhos serem maiores devido a fragilidade das crianças, isso excluía a mulher da conquista, da descoberta e do domínio do espaço deixando-a como mera expectadora da tomada da terra e da construção histórica da civilização.

A mulher nas sociedades patriarcais é sempre um meio para se atingir um fim, recolhida em sua fisiologia mais frágil, e, privada pela própria natureza ao ser escravizada pela espécie, teve outorgado um papel, de certa forma, secundário no florescimento do ser humano. “A mulher não é nunca senão o símbolo de sua linhagem.” (Beauvoir, 1970, p. 91, apud Lévi-Strauss, op. cit.). Nunca responsável

pela própria vida e sempre refém de uma biologia que, mensalmente e a cada gestação, a suprimia de si mesma.

É claro que, de certa forma, toda esta construção dos papéis sociais não passa de conjectura. Existem certas dúvidas quanto a esse selvagem masculino dominador, algumas teorias afirmam que as antigas tribos coletoras deveriam ser matrilineares e matrilocais devido à necessidade do cuidado constante com os filhos e da não dimorfia sexual, machos e fêmeas eram mais ou menos do mesmo tamanho, o que, provavelmente, equilibrava as relações. Muraro, por exemplo, declara:

Assim, ao contrário do que pensavam Lévi-Strauss e Freud (horda primitiva), o núcleo das primeiras sociedades humanas deve ter sido um conjunto de mães com seus filhos, acompanhadas de outras mães, seus irmãos e outros machos que agregassem ao grupo (MURARO, 1992, pg. 23).

Existem também hipóteses de que em algum momento houve uma adoração ao místico que o feminino representava por ser o útero que nutria e fortificava a semente que dava origem a vida, pela abundante existência de mitos que datam de um período anterior a história em si onde a criação do mundo é sempre responsabilidade de alguma divindade feminina. Um tempo em que as mulheres, como representantes terrenas da deusa-mãe, eram admiradas e respeitadas como entidades quase sobrenaturais dotadas de poderes intrínsecos a natureza. Porém tudo não passa de especulação, pois a história humana a que se tem acesso já se inicia num período patriarcal.

Mas de qualquer forma não é possível colocar em questão que, de certa maneira, o sexo feminino perdeu a “batalha” pela conquista da sociedade e do mundo para o sexo masculino. Não é possível desconsiderar o fato de que, mesmo se nos primórdios da humanidade existia igualdade e um paradigma diferente, algo no meio do caminho se perdeu e o domínio passou a existir.

Algo em que as duas escritoras, Beauvoir e Muraro, concordam é que na mudança de sociedade coletora e caçadora para agricultora e produtora, *homo faber* como diz Simone de Beauvoir (1970, pg. 84), houve uma transmutação nos valores. Com o surgimento da agricultura existe uma ruptura entre o homem e a natureza, quando ele se sente capaz de domá-la passa a se distanciar dela, não se considerando mais parte do ambiente que o rodeia o homem se eleva num patamar superior relegando o mundo natural a um ente externo e estranho, que o apavora e ao atrai ao mesmo tempo.

A necessidade de arar a terra, onde o domínio sobre a cultura de alimentos se dá através da força física, necessária para se abrir o solo e fecundá-lo, gera uma nova consciência de significado. O homem através da sua força superior não mais apenas se defende da natureza ele a ataca e a sobrepuja. A aparição de novas ferramentas e ao advento de materiais, a criação de animais, o eclodir da escravidão tudo isso também levou o homem a se sentir dono do ambiente que o rodeava. O macho passou a ser senhor absoluto da terra, dos animais, de outros homens e inclusive de seus filhos e filhas, mães e esposas. A mulher passa a categoria de propriedade, sem direito de ser algo por si só, sempre sendo atrelada ao valor que a sociedade, agora patriarcal, lhe impunha.

Contudo a situação da mulher no período antigo mudava dependendo do contexto social, cultural e econômico em que se encontravam. As egípcias, nos tempos mais remotos, possuíam todas as liberdades que não eram comuns de serem concedidas as mulheres, eram consideradas iguais aos homens perante as leis e tinham seus direitos individuais respeitados, educavam seus filhos, possuíam independência econômica e podiam realizar todas as profissões exercidas pelos homens. Porém com o passar do tempo a condição da mulher sofreu uma diminuição e a milenar civilização egípcia foi, por fim, aglutinada e absorvida pela romana.

Já as mulheres de Esparta, por exemplo, possuíam mais autonomia e poder em relação a outras mulheres gregas do mesmo período, mas de cidades-estado diferentes. As espartanas eram educadas de forma similar aos homens, pois delas eram exigidos atributos físicos e intelectuais na produção de crianças. Encarregavam-se da educação dos filhos, das meninas até a maioridade e dos

meninos até os sete anos, que a partir de então eram educados pelo estado. Ora, o papel da mulher nessa sociedade em questão, mesmo sendo ditado por autoridades externas, era mais livre e mais igualitário do que em outras regiões.

Como em Atenas, por exemplo, onde as atenienses eram subservientes ao marido e educadas desde crianças para atenderem as necessidades do lar e serem sempre obedientes e cordatas. A inferioridade do sexo feminino era pautada e embasada em grandes pensadores da época, Aristóteles era um deles ao afirmar que “No que diz respeito à sexualidade dos indivíduos a diferença é indelével, pois, independente da idade da mulher, o homem sempre deverá conservar a sua superioridade”.¹ O filósofo dizia haver uma “ordem natural” e se baseava nisso para fundamentar suas crenças, pois colocou o homem num patamar superior ao da mulher ao defini-lo como mais maduro e estável espiritualmente restando à mulher o dever de segui-lo e obedecê-lo cegamente.

Chico Buarque de Hollanda, apesar de ter sido acusado de machismo na época do lançamento da música, define bem como era a situação das atenienses num trecho da música “Mulheres de Atenas” onde diz que elas não têm gosto ou vontade, nem defeito, nem qualidade, têm medo apenas. Trancadas nos gineceus suas únicas atividades eram relacionadas à manutenção do lar e não participavam de nenhuma decisão referente à economia ou arranjo da residência, apenas seguiam ordens estipuladas pelos maridos.

Entretanto, as cortesãs, conhecidas como hetairas, possuíam toda a liberdade e reconhecimento que as mulheres mantidas como mães e esposas não tinham. Eram cultas, livres econômica e socialmente e recebiam a consideração e a aceitação de seres individuais coisa que às atenienses era negado.

Nos primórdios da Roma antiga também tudo girava em torno do pater família, colocação sempre outorgada a um homem, o pai da família, a quem cabiam todas as decisões econômicas e capacidades legais, inclusive o direito de vida e morte sobre seus filhos, costume que só veio a ser extirpado no século IV após anos de infanticídio justificado, principalmente de meninas.

¹ Citação retirada do site <http://achronus.blogspot.com.br/2010/12/mulher-da-grecia-antiga-e-aspectos-da.html>.

As filhas, diferentemente dos meninos, que recebiam um prenome o que é uma marca da construção da individualidade, apenas conservavam o nome do pai sem serem reconhecidas como seres externos e particulares ao senhor da família. Por exemplo, se o pai chamasse Flávio a primeira filha chamaria Flávia I, a seguinte Flávia II e assim por diante. Sem direitos, as patrícias existiam principalmente para que alianças fortes, nas quais valores e virtudes eram altamente recomendados, fossem forjadas através de casamentos onde a grandeza de Roma fosse assegurada.

Com o passar do tempo, e o crescimento de Roma, alteração nos valores morais, por causa da influência de povos aglutinados, levaram a certa mudança na jurisdição do casamento que passam a acontecer de maneira tal que as famílias ricas e poderosas se fortalecessem sem levar em conta a virtude. A patrícia passa a ter mais liberdade e a ser educada de forma que pudesse participar, mesmo que de modo indireto, da vida pública.

O fato das romanas poderem herdar as grandes fortunas de seus pais, algo que não acontecia em outros povos e períodos mais antigos, lhes garante certa liberdade de ser e de agir dentro dos muros de Roma. As mulheres da elite passam a ter autonomia econômica, embora isso não lhes garanta voz na política, o que as leva a agir da melhor forma que podem através de conspirações e acordos feitos por debaixo do pano.

Embora perante a lei sejam consideradas livres nunca lhes foi ensinado ou estimulado o que fazer com essa liberdade, portanto a mulher romana da elite utiliza sua liberdade para o nada, nada produz, nada reivindica, entretendo-se como pode e mistificando sua liberdade por libertinagem.

Entrementes a mulher comum, que não fazia parte da elite não possuía muitas alternativas, seu destino e existência estavam atados a vontade de outrem e ela poderia “escolher” entre duas opções, casamento ou prostituição. Havia muita miséria e desemprego, o governo distribuía trigo aos homens, mas nunca o suficiente para alimentar suas mulheres que deveriam produzir soldados, excluindo e renegando assim as filhas que porventura nascessem.

2.2-) DA IDADE MÉDIA ATÉ A IDADE MODERNA

Já na idade média quem mantinha poder sobre a vida e a morte das pessoas era a Igreja Católica Apostólica Romana e que estabeleceu para a mulher duas posições, ou ela é Eva, manipuladora e pecaminosa, ou Maria, mãe de Jesus, pura, doce e submissa. Muraro (1992) comenta que o cristianismo, como toda revolução de teor social na história da humanidade, inicialmente libertava a mulher, não só do jugo do homem ao considerar todos os seres humanos iguais, como do jugo da natureza ao pregar a castidade e a pureza, dando assim a mulher à escolha de não manter relações sexuais e desta feita não engravidar.

Os primeiros cristãos romperam com os papéis sexuais tradicionais e advocavam como estado perfeito de vida o celibato. Estes novos papéis, que se afastavam da família convencional, eram bastante atraentes para as mulheres das classes populares, sobrecarregadas com o trabalho doméstico e externo a casa (MURARO, 1992, pg 98).

Nesse panorama o sexo feminino, não só a mulher da elite, a mulher do povo também tinha oportunidade de ser algo mais do que esposa ou prostituta, ela poderia escolher fazer parte da vida religiosa. Encontrou solo fértil para conseguir prosperar intelectualmente e culturalmente, não de forma progressiva, estável, contínua ou gradual, mas de maneira relevante nos momentos em que lhe foi cedida uma brecha na história.

Em alguns períodos da idade média algumas mulheres da igreja institucional foram consideradas as pessoas de maior importância e influência, como Santa Catarina de Siena que era reconhecida por suas atividades caritativas e suas visões que demonstravam a riqueza de seu intelecto e coração; era responsável por resolver pendências e brigas entre famílias da região, trocava cartas com bispos eminentes e, apoiada pelo povo devido as suas qualidades intelectuais, exercitava sua missão de pacificadora.

Outra mulher que vale a pena ser mencionada era a abadessa Heloísa, do mosteiro do Paráclito, que ensinava hebreu, grego e latim diretamente para as

monjas, demonstrando seu alto grau de saber e cultura equiparável com o dos homens mais eruditos da época, também recebia as ofertas do dízimo e era responsável pela exploração de uma granja e tinha direito a foros sobre feno e trigo.

Ou seja, seu poder não se restringia a assuntos pertinentes a igreja, também exercia funções relevantes na cultura e economia da região onde habitava. Também a enciclopédia mais conhecida do século XII se deve a uma mulher, a abadessa Herrade de Landsberg. E a monja Hroswitha de Gandersheim, na baixa idade média, foi considerada durante cinco séculos a única escritora da Europa

Contudo Gregório VII retira a autonomia das abadias, mosteiros e locais religiosos liderados por mulheres colocando-as firmemente em posições inferiores a dos homens representantes do clero e enclausurando-as, acabando assim com o tímido florescimento feminino, tanto intelectual quanto social e econômico, entre as mulheres do povo na idade média.

Já entre a elite, rainhas, como Eleonor de Aquitânia ou Isabel I, conseguiam provar que governavam tão bem, ou até melhor do que homens, exercendo seu poder e influência magistral e definitivamente na política da época. Lucrecia Borgia, por exemplo, já no renascentismo, tem seu nome ligado apenas a escândalos e boatos, nunca é lembrada por seu gosto pelas artes ou ao fato de ter criado a chamada “corte das letras” formada por escritores, dramaturgos e pintores de grande nome como Tiziano e Venetio. Ou ainda Cristina de Pisano, filha de um conselheiro da república de Veneza, renomada poetisa, filósofa e considerada a primeira mulher a viver das letras e também autora do primeiro manifesto feminista.

Estas representantes femininas de grande poder são uma exceção, pois este poder, primeiramente, originava-se no fato de serem da realeza o que naturalmente lhes dava meios para que pudessem agir de acordo com suas próprias consciências, também tinham acesso a uma educação mais aprofundada, diferentemente de uma mulher do povo que teria de trabalhar por seu sustento, se submetendo a vontade e desmando de outrem para que pudesse se alimentar, ou ao casamento para que encontrasse abrigo e proteção. Virgínia Wolf (1991, pg. 131) consegue exprimir bem essa situação no livro “Um teto todo seu”, aonde através de reflexões chega à

conclusão de que a mulher só se torna livre para ser qualquer coisa que almeje quando possui meios econômicos.

Na renascença, entretanto, o humanismo era o Sol brilhante que guiava as ações do homem. Abandonando o teocentrismo pregado na idade média o homem começa a se enxergar como princípio e fim, elevando-se ao status de cerne, motivo principal e causa de todas as coisas, inaugurando o antropocentrismo.

As artes e a cultura experimentam um crescimento nunca dantes visto, a razão se torna lei, nada que não possa ser testado empiricamente ou provado pela argúcia do intelecto tem espaço na filosofia do renascimento.

O surgimento da burguesia resulta numa pujança econômica onde a austeridade, outrora vigente, não encontra mais espaço. As artes e a cultura se tornam tão essenciais como o pão para as classes mais abastadas, o homem se torna um hedonista se impregnando de tudo que é belo, luxuoso e artístico, fruto da habilidade e do talento, apoiando tudo aquilo que fosse obra do engenho do ser humano.

O mecenato se torna praticamente uma instituição no renascimento elevando os mecenas na hierarquia social mesmo que fossem de origem burguesa. Portanto sua mulher também se torna objeto decorativo, mais do que uma escrava do lar, ele procura uma mulher que aprecie o que ele aprecia, que seja bela, que possa ser exibida nos grandes salões e que conheça a cultura vigente. O casamento continua a ser feito por interesse, contudo é recomendada a boa relação entre os cônjuges. O erudito alemão Cornelius Agrippa afirmava que, "se o casamento se baseasse no amor e na amizade, e não no dinheiro e no interesse, não haveria mais adultérios nem divórcios".²

Entretanto, fundamentando-se nos autores clássicos da Grécia e da Roma antiga, os humanistas continuam a tratar a mulher como o outro, como alguém a ser dominado, instruído de acordo com os preceitos correntes, por causa de sua "natural" lerdeza e inferioridade de espírito, diminuído, contido e controlado, e, por vezes até temido.

² Citação retirada do site <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/historia-geral/a-mulher-na-epoca-do-renascimento.htm>

Joana D'Arc, a donzela de Orléans, é exemplo vivo do temor permeado de adoração direcionado a mulher. Alegando ser guiada pela voz de Deus liderou o exército francês derrotando os ingleses em diversas batalhas garantindo assim a coroação de Carlos VII e, portanto, a vitória da França na Guerra dos 100 anos. Mesmo com suas ações valorosas e que demonstravam sua lealdade a seu país, foi atraída pelos franceses entregue a inquisição e queimada na fogueira acusada de bruxaria. O poder feminino incita medo, cria dúvidas e, de acordo com a mentalidade baseada no machismo patriarcal cristão, uma mulher só conseguiria ter a capacidade e a competência de derrotar um homem, não só um homem, um exército de homens, se estivesse inspirada pelo diabo.

Ora, o poder pode até ser permitido a mulher se ele for de proveito para a causa em questão, mas assim que ela parece crescer perante os olhos atentos desse sistema opressor, que suas ações dão mostra de não poderem ser mais controladas, ela deve ser suprimida e colocada de volta no seu lugar de submissão, obediência e culpa.

Iniciada na Idade Média, mas tendo seu auge no renascimento, a caça às bruxas foi responsável pela morte de milhares, senão milhões, de mulheres acusadas de feitiçaria. Geralmente eram mulheres pobres, viúvas herdeiras de terras, jovens belas, parteiras, curandeiras... Qualquer uma que não se adequasse perfeitamente ao molde, que possuísse conhecimentos que só deveriam ser dos homens, que exercesse sua feminilidade de modo não ortodoxo deveria ser eliminada e foi o que aconteceu.

Enfim, o renascimento foi o triunfo da mente masculina sobre a feminina, definitivamente excluídas como agente criador convertem-se em objetos nos quais os homens buscam exprimir artisticamente a própria perfeição. O corpo já havia sido dominado séculos antes, mas a faculdade de criar da mulher foi suprimida na renascença as raias da paranóia.

Neste âmbito cresceu o absolutismo monárquico, a reforma religiosa ocorreu por Calvino e Lutero devido a insatisfação com a Igreja Católica, todas essas efervescências sociais acabaram por desembocar na revolução francesa. Inicialmente uma revolta realizada pela burguesia francesa descontente com o

governo de Luís XVI. Como toda insurgência popular as mulheres tiveram sua participação diminuída após seu apoio se tornar desnecessário.

Por exemplo, mulheres foram na frente do palácio de Versalhes reivindicar pão e protestar contra a fome. Pauline Leon foi criadora da “Sociedade Revolucionária da Mulher Republicana”, que sugeriu à assembléia nacional a criação de milícia feminina, para que as mulheres pudessem proteger-se dos ataques dos monarquistas, mas foram ignoradas pelos revolucionários. No mesmo período, Olympia de Gouge foi autora da Declaração dos Direitos da Mulher e quando a apresentou para a assembléia a resposta foi que não poderiam ser conceder os direitos da mulher, pois a revolução francesa era uma revolução de homens (MURARO, 1992, pg. 128), Olympia foi decapitada logo depois.

Ou seja, a mulher independente e ativa é útil enquanto faz da luta da sociedade a sua, porém, quando tenta adquirir direitos, quando almeja alçar um vôo maior e alcançar uma posição que se encontre fora dos parâmetros culturais, quanto deseja se fazer ouvir e se igualar perante a justiça tem de ser calada. Sua luta particular não interessa a sociedade, pois alteraria a pedra basal na qual a sociedade se alicerça.

2.3-) DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL À CONTEMPORANEIDADE

A repressão do feminino se seguiu durante os séculos, porém, com o advento da revolução industrial e o desenvolvimento e implementação definitiva do capitalismo a situação se torna mais complexa. Na necessidade aguda de trabalhadores braçais as mulheres são incentivadas a abandonarem sua posição aquiescente no lar e a se dirigirem as minas e fábricas para poderem alimentar suas famílias. O trabalho feminino é tão árduo quanto o do homem, porém, é miseravelmente remunerado, chegando a ser decrescido 70% do salário do homem, e seu desespero para sustentar sua família é grande o suficiente para que aceite as condições vis as quais os homens não se submetem. Inclusive crianças são

colocadas para trabalhar nas fábricas, fazendo a mesma jornada que os adultos e recebendo ainda menos que as mulheres.

A desigualdade social, econômica e cultural se torna abissal, as condições de trabalho são desumanas, insalubres e perigosas. A insatisfação é grande o suficiente para enfim a mulher começar a esboçar um desejo mais claro de libertação. O preconceito contra a mulher se torna mensurável, agora a questão não é mais subjetiva é econômica. Os homens se sentem ameaçados pela concorrência feminina, pois o trabalho delas é mais barato o que atiza a separação e segregação dos sexos ainda mais. A realidade se torna tão cruel e virulenta que não é mais possível o silêncio.

Em outras palavras, parece que foi preciso erradicar violentamente o feminino antes que o masculino pudesse construir a mais violenta máquina de dominação e destruição que a história humana já viu, o sistema capitalista (MURARO, 1994, pg. 113).

É nesse período que se iniciam as primeiras tentativas de união das trabalhadoras e começam os movimentos sufragistas. Esmagadas entre o trabalho executado nas fábricas e o realizado dentro de casa as mulheres se desdobram para conseguir realizar as atividades exigidas pela sociedade. A família como instituição, por sua vez, passa a ser ainda mais valorizada por conta da criação do amor romântico, em meados do século XVIII, onde se inaugura um núcleo familiar muito forte, instituindo a família proletária como base da sociedade e o papel da mãe elevado a um patamar quase sagrado aumentando ainda mais a pressão e as exigências postas sobre o sexo feminino.

Neste contexto, com o passar do tempo, a organização das mulheres se torna mais e mais evidente e necessária. Embora existam dissidências devido ao surgimento do manifesto comunista, em 1848, o que levou muitas mulheres a tomarem partido dos trabalhadores de forma geral deixando a causa estritamente feminina de lado, alegando que se o trabalhador fosse respeitado, por consequência isso se estenderia as trabalhadoras. Mas, como observado na história mundial, não

importa a revolução, a mudança de paradigma ou religião a mulher nunca é realmente contemplada.

A luta inicial durante a revolução industrial começa por uma melhor infraestrutura nos locais de trabalho fabril, logo seguida pela busca do sufrágio universal. E com o decorrer do tempo através dos séculos XIX e XX essa batalha pelo reconhecimento de sua humanidade se torna cada vez mais ferrenha. Hostilizadas, às vezes de forma violenta, pela sociedade as mulheres insatisfeitas eram vistas como lésbicas, bruxas, mal amadas, pois uma mulher não poderia falar em público, ter opiniões nem querer se meter em assuntos que “não entendia”.

Em oito de março 1908, por exemplo, 150 mulheres foram queimadas vivas por seus patrões numa fábrica nos Estados Unidos da América por reivindicarem melhores condições de trabalho, melhores salários e jornadas menos longas.

Com a chegada da primeira grande guerra e a falta de homens para exercer o trabalho nas cidades as mulheres são chamadas para tomarem lugar em posições de trabalho que antes eram dominadas por homens, a grande depressão e a segunda grande guerra alimentam essa necessidade e só aumentam na mulher essa vontade de querer ser alguém reconhecido perante a lei como igual. Pois alguém que experimenta a liberdade e o poder de agir e consegue se ver pela primeira vez como um indivíduo capaz de executar todo tipo de tarefa e trabalho físico e mental, como agente da própria vida e transformador da sociedade é impossível se colocar nos padrões antigos, é como querer usar uma roupa que não serve mais.

Entretanto, após o término da guerra, o clamor da volta da mulher ao lar foi especialmente forte nos Estados Unidos, onde o status de dona de casa foi transmutado em uma atividade quase mística e na qual a mulher americana deveria encontrar todas as respostas para seus anseios e ambições. Ser mãe e esposa se tornou na cultura da época algo intrínseco a ser mulher, não se podia imaginar ser uma coisa sem a outra. Diferentemente de outros tempos não era como se a mulher fosse relegada ao lar, houve uma glorificação das atividades domésticas e da maternidade levando as mulheres a crerem que não existia outra possibilidade de

existência. Que a natureza, Freud, Deus ou a própria biologia lhes tinha imbuído esse papel em sua genética.

Impressionadas pelo pós-guerra, pressionadas pela sociedade e de forma complacente a grande maioria das mulheres americanas se deixou prender nas redes dessa mística. Como disse Betty Friedan:

Quando uma cultura ergue barreira após barreira contra a sua personalidade independente; quando cria obstáculos legais, políticos, sociais, econômicos e educacionais à sua maturidade, torna-se mais fácil procurar o abrigo do lar mesmo depois que a maioria desses obstáculos já desapareceu (FRIEDAN, 1971, p. 176).

Já as décadas de 60 e 70 foram à resposta dos jovens dos ditos “anos dourados” que já não se empolgavam mais com o ideal do sonho americano e se encontravam em constante estado de alerta por causa da guerra fria e da guerra do Vietnã. O fervilhar intelectual e ideológico de uma juventude rebelde e descontente foi campo fértil para o desenvolvimento da literatura beatinick, o rock and roll, a revolução sexual, sem mencionar a invenção da pílula, que finalmente libertou a mulher do jugo biológico. O surgimento dos hippie, de igual maneira, com sua contracultura e apologia a paz erguendo estruturas e criando raízes para o ressurgimento do movimento feminista e os movimentos civis em favor dos negros. O mundo se encontrava na crista de uma onda revolucionária sem precedentes, a revolução de maio de 68, golpes militares na América do Sul, a revolução cubana. Tudo isso ditou o tom dos próximos 20 anos, onde os ecos de todos esses movimentos e a luta pela liberdade se fizeram sentir ao redor do globo.

O mundo esteve mudando, mas seria o suficiente? Hoje em dia, no século XXI, segundo milênio, ainda não é legítimo declarar que a igualdade é plena. É claro que se comparada às eras passadas a mulher conseguiu melhorar e muito a sua situação, porém isso não é o suficiente. Ainda existe desproporção no mercado de trabalho, injustiça social e preconceito de gênero que permeia as relações e está profundamente arraigado no subconsciente de homens e mulheres. No fim das

contas é verdadeiro dizer que o débito do patriarcado para com a mulher é milenar e esses últimos cem anos de luta feminista só comprovam isso.

Se por um lado temos mulheres presidentes de grandes países como Alemanha, Argentina e Brasil por outro ainda ocorrem estupros coletivos onde a vítima é atacada e culpabilizada por ser mulher. Se em alguns lugares são aceitas nas universidades e estimuladas a se tornarem profissionais em outros ainda são proibidas de sequer aprender a ler e a escrever. A grande questão não é ser reconhecida como mulher e sim como cidadã em sua totalidade e plenitude de direitos e deveres. “Ser mulher é, nem mais nem menos, ser humana.” (Friedan, 1971, p. 130).

O patriarcado sempre relegou a mulher a um papel de coadjuvante na história da humanidade. É claro que, como sempre, existiram pioneiras e mulheres que não se deixavam domar pelo status quo; vozes femininas que produziram trabalhos, escritos, que eram médicas, poetisas, cientistas e professoras, mas esses casos eram exceções e fatalmente essas mulheres sofriam tanta pressão da sociedade que por vezes desistiam, quando não tinham seus trabalhos diminuídos e ignorados. Mas, no geral, a mulher comum era uma esposa. Seu fim, meio e início se focavam no fato de ser constituída para parir, praticamente uma incubadora humana, e obedecer.

Wolf (1991, p. 45) acerta de forma interessante o papel da mulher através dos séculos com o seguinte trecho “Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural.” Ao se colocar acima da mulher quando se compara com ela, sempre tão suprimida e diminuída, tolhida em suas potencialidades, ignorada e nunca ouvida, o homem, naturalmente, se sentia e se sente superior, mais capaz e, porque não, merecedor de sua posição extraordinária. Ou seja, a mulher sempre foi nada mais do que um instrumento, uma posse, algo do qual os homens sempre se valeram para terem suas vontades e ego supridos de auto-afirmação e certa noção de poder, raramente pensando na injustiça da situação do outro sexo, sempre se colocando contra a mulher, nunca junto ou a favor.

E não é possível ignorar o fato de que muitas mulheres acreditam e propagam esse pensamento machista, essa mística feminina, que permeia as relações e, ao verem alguém do sexo feminino fazendo algo que se destaca ou que chacoalha a pré-concepção de como uma mulher deve ser, são as primeiras a apontar o dedo e julgar. Talvez por criação, talvez por ser um reflexo da cultura, ou, quem sabe, por medo as mulheres são muito competitivas entre si, isso talvez se deva as relações de poder, pois, como diz Bardwick:

Que poderíamos esperar do relacionamento entre pessoas que temem ser manipuladas ou que relutam em se afirmar francamente porque têm medo de rejeição e necessitam de afeto? Que poderíamos antecipar de uma relação em que um se sente vulnerável e o outro não? (BARDWICK, 1981, p. 164).

Em sua luta ferrenha contra a opressão a mulher se torna, às vezes, seu próprio algoz. O sexismo está plantado tão firmemente, tão arraigado no subconsciente da humanidade que na tentativa de se libertar a mulher acaba criando outras amarras ao considerar tudo que é masculino como meta e superior às características e possibilidades femininas. Ao não se valorizar, enxergando só o que está externo a si como tarefas e habilidades dignas de atenção, aumenta em si mesma o desprezo pelo que é e alimenta na sociedade o desdém pelo o que tem representado, durante os séculos, ser mulher.

Essa relação da mulher com o homem e com o mundo foi estigmatizada por tanto tempo que é difícil imaginar um mundo sem ela e perceber nas ações das próprias mulheres esse ranço milenar, mas é necessário refletir e ponderar a situação, vendo-a com olhos imparciais. Considerando de forma equilibrada e pleiteando perante a sociedade o verdadeiro direito de todo aquele que habite a nação ser considerado cidadão, de agir segundo a própria vontade de acordo com leis dignas e honradas. Imaginar uma sociedade mais justa, embasada na igualdade, conhecimento e liberdade deveriam ser metas almejadas por toda a humanidade, assim como a vontade de descobrir métodos eficazes de disseminar

um novo ideário que promova a igualdade e o respeito mútuo entre os seres humanos.

Geralmente sem direito a educação, ou melhor, sem direito a quase nada, as mulheres passaram pela história como meras espectadoras, salvo poucas exceções, súditas de uma sociedade machista onde o único direito era sentirem-se envergonhadas por serem mulheres; vergonha essa que ultrapassa o nível consciente e se imiscuí em seu jeito de ver o mundo. Durante estes milhares de anos de história foram levadas a acreditar que tudo que é feminino merece ser espezinhado, pois sempre foi conceituado como menor, fraco e menos útil. O mundo sempre considerou as qualidades ditas masculinas intrinsecamente superiores as femininas. Está impresso no inconsciente coletivo, basicamente, que a pior coisa que poderia acontecer a um homem é ser uma mulher.

A equalização dos gêneros é um objetivo a ser alcançado pela sociedade como um todo e é fato sabido que o conhecimento é a melhor arma contra injustiças sociais e melhor método de auto-afirmação do ser. O saber amplia a visão e transforma realidades, instiga a curiosidade e alimenta a criticidade, enleva as pessoas e as capacita a atingirem suas metas e, primordialmente, a sonharem com um mundo melhor e não se aterem a regras mesquinhas. Como diria Bardwick:

O primeiro passo necessário á revolução é conseguir paridade econômica, legal e social. Mas além de participar com êxito na sociedade, as mulheres devem se estimar e respeitar o que elas têm de único em suas experiências e capacidades (BARDWICK, 1981, pg. 210).

Um indivíduo só consegue atingir sua plenitude e o seu desenvolvimento total quando é capaz de conhecer a si próprio e ao mundo que o rodeia. Quando consegue se inserir no contexto social de forma crítica e é capaz de julgar a realidade que o permeia de forma crítica. Como dizia Nelson Mandela “A educação é a ferramenta mais poderosa que existe para mudar o mundo.”³ Uma educação

³ Citação retirada do site <http://www.dm.com.br/texto/119460>

igualitária, justa e com um viés socialmente imparcial, onde as potencialidades e características individuais sejam fatores relevantes ao se julgar alguém, não seu gênero, é o melhor e mais eficaz método de se atingir esse objetivo.

3) A EDUCAÇÃO

3.1) DESENVOLVIMENTO E INFLUÊNCIA DO ILUMINISMO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Para compreender o contexto no qual a educação contemporânea está inserida, sua relevância, origem e como ela funciona no tocante a questão feminina é crucial que se estude o iluminismo. Pois a chama inicial, o empurrão filosófico e científico que deu verdadeira importância às universidades, tencionou tornar o ensino acessível ao povo, permeou as revoluções industrial e francesa, o que propiciou a criação do socialismo, a raiz de todas as grandes mudanças que ocorreram no mundo deste então está firmemente plantada na produção intelectual e no desenrolar deste período.

É através da oposição entre os sistemas despontados na época, aceitação e rejeição, inspiração e reformulação do que ocorre no iluminismo, descendente direto do renascimento, que se elocubram o surgimento do capitalismo, a teoria da evolução e toda hipótese que hoje em dia argumenta no complexo processo de educação do ser humano. Pois é neste intervalo de tempo que verdadeiramente começam a se contestar os valores e dogmas passados pela igreja e o conhecimento passa a ser fruto, não só da sabedoria passada de mestre a aluno, como por experimentos físicos e através da prática empírica.

No decorrer da baixa idade média, com o surgimento da burguesia e proliferação das cidades, em detrimento dos feudos, tem início uma série de mudanças radicais no sistema de ensino existente. Devido ao aparecimento da nova classe social principia-se um processo de busca pela educação, anteriormente direcionada somente a nobreza.

As escolas catedrálcias não eram capazes de preencher essa demanda, portanto inicia-se o surgimento de universidades focadas em originar advogados, mestres, médicos e clérigos que suprissem a necessidade por cidadãos bem preparados pelos crescentes estados nacionais. Com isso despontam as primeiras universidades européias demarcando o início da passagem do controle do conhecimento da igreja para a população civil em si.

Mas enquanto na Itália as universidades originam-se das necessidades burguesas, seculares, onde as artes liberais, retórica, poesia, ética, história e filosofia, eram consideradas de suprema importância e o cerne da educação fornecida, por serem consideradas as ferramentas capazes de proporcionar ao ser humano o desenvolvimento e a habilidade de exercer suas liberdades individuais; na França e na Inglaterra ainda deviam seu nascimento a igreja e mantinham seu ensino ligado as escrituras, pois o conhecimento só era considerado útil se fosse utilizado na salvação da alma imortal. Contudo esses centros de ensino, tal qual qualquer educação mais formal através dos séculos e também como qualquer liberdade individual, foi negado à mulher, pois a educação era um privilégio de homens, e não de qualquer homem, apenas homens da elite. A mulher era reservado o véu ou o casamento, não existia educação formal, seu ensino não ultrapassava as portas do lar ou do convento.

Nesse ínterim a tutela da igreja vai sendo extirpada, dando espaço ao humanismo nascente. Animado pelas descobertas geográficas que vinham ocorrendo nos últimos séculos, às teorias de Copérnico, com seu heliocentrismo, Kepler, com suas órbitas elípticas, e Galileu inaugurando o empirismo científico para provar ambas as hipóteses. Há também um princípio de rejeição do aristotelismo, que durante os séculos havia sido a base da escolástica, homologado por Francis Bacon, herdeiro da tradição empírica iniciada por Galileu. Bacon propunha um novo método mais apropriado de se interpretar a natureza, pois acreditava que o aristotelismo fixava os estudiosos em seus erros por causa do silogismo.

O silogismo, base da lógica aristotélica, consiste das proposições, e as proposições consistem de palavras, estas sendo símbolos de conceitos. Portanto, se os conceitos são confusos e demasiado abstratos ou distantes dos fatos, não há firmeza na superestrutura. A única solução encontra-se na indução (GILES, 1987, pg. 143).

O homem sentia sua imaginação florescer novamente, os limites se expandiam e o que outrora só poderia existir no reino da imaginação ganhava contornos mais definidos. Um anseio por conhecer, produzir e espalhar conhecimento se inseriu na mente e no espírito do ser humano. Sem contar as inovações artísticas e culturais, tudo isso vai criando um novo senso de importância e consciência de mundo, despertada pela filosofia humanista e a reforma religiosa, onde se questionavam os dogmas da igreja católica e todo o conhecimento que existia até então.

Erasmus de Rotterdan, por exemplo, criticava o ensino ministrado nas escolas ao denunciar suas teorias imutáveis, geralmente administradas por clérigos, repetições de conteúdo e castigos físicos. Apontava a desconsideração com a qual a índole individual de cada aluno era tratada e da falta de cuidado com a moral que julgava existir em sua época⁴.

Já Comênio, considerado o pai da didática moderna, combatia completamente o sistema de ensino medieval, que se baseava inteiramente na escolástica e nas escrituras sem levar em consideração a experiência de mundo do aluno, ignorando as ciências e dirigido somente para a elite. Era do mote de que o conhecimento só seria real se adequasse linguagem e experiência pessoal, cultivo dos sentidos, experiência e a observação apropriada do universo. “A educação proposta por Comênio fundou-se, de um lado, na natureza da criança e de acordo com seu desenvolvimento e, de outro lado, orientou-se para o conhecimento das coisas com vistas a sua utilização.” (ROSA, 1972, nota de rodapé nº9, pg.157).

Defendia a pansofia, ou seja, o ensino de tudo (tudo que tivesse por base os valores da moral cristã) para todos, sem distinção de gênero e de classe. Entusiasta da educação humanística, de pensamento onde a educação das crianças deveria

⁴ Informação retirada do site <http://historiaefilosofiadaeducacao.blogspot.com.br/2008/07/v-educacao-no-iluminismo.html>

ser feita de forma carinhosa levando em conta as particularidades e inclinações de cada aluno. Tendo a religião profundamente arraigada em sua vida, sonhava com uma república cristã na qual o povo estivesse unido pelo conhecimento e pela fé (MAYER, 1960, pg. 214).

Foi a existência deste campo fértil que tornou possível o surgimento de novas diretrizes e teorias pedagógicas e filosóficas. O intervalo entre a transição do renascimento para o iluminismo ainda foi berço do racionalismo teórico de Descartes que lançou a sentença primordial do fundamento do conhecimento humano “Cogito, ergo sum.”, ou seja, “Penso, logo existo”. Neste período também começam a surgir às primeiras teorias modernas sobre a educação, onde os teóricos utilizavam de suas opiniões pessoais, crenças, ideologias e reformulação teórica do período clássico para pautar qual seriam os caminhos mais apropriados para se educar as crianças. “Estes apresentam-se como alternativas aos conceitos tradicionais considerados por alguns como provocadores. Abriam-se as portas para o futuro.” (GILES, 1987, pg. 171).

Mas foi no “século das luzes” que ocorreu um verdadeiro boom educacional, pois, a razão tornou-se a rainha, só subsistia o que podia ser embasado por ela, desfraldado e experimentado, certificado pela luz do intelecto, renegando o teocentrismo preexistente na chamada “Idade das trevas” e acatando o antropocentrismo definitivamente como filosofia preponderante.

“Os ‘iluminados’ reduzem a religião ao nível de impostura, de instrumento utilizado para dominar e manter as massas sob o controle de tiranos.” (GILES, 1987, pg. 172). A religião sobrenatural, firmemente embasada nas escrituras e profundamente dogmática, é deixada de lado em prol da religião natural, retomando e reinventando o humanismo, que de acordo com Voltaire (apud Thomas Giles, 1987, pg. 172), estava alicerçada nos princípios de moral comuns a raça humana. Opunham-se ao absolutismo, pregavam uma revolução social e, através de Rousseau, inaugura-se a idealização teórica de que o ser humano nascia naturalmente bom e acabava sendo corrompido pela sociedade.

Immanuel Kant, filósofo prussiano, legitimou o iluminismo com estas palavras:

O Iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento, mas da falta de resolução e coragem para se fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem para fazer uso da tua própria razão! - esse é o lema do Iluminismo.⁵

Os estudiosos da época se baseavam em trabalhos de escritores gregos e romanos, dando seu toque pessoal, reinterpretando, redescobrimo e adaptando idéias ao tempo que corria, ao exporem a necessidade de uma educação acessível à formação intelectual da população. Entretanto as classes mais abastadas eram as privilegiadas solitárias que podiam dar-se ao luxo de se entregarem a absorção e a produção do conhecimento.

João Henrique Pestalozzi, pedagogo suíço de grande relevância, afirmava que primeiramente era preciso “Fazer-nos homens, para fazer-nos cidadãos.”⁶ Ou seja, só seria possível a existência de um Estado forte, justo, igualitário e sã com a participação de um povo educado e preparado para exercer atividades políticas, econômicas e sociais. E essa só seria uma meta possível de ser atingida ensinando as crianças da nação, construindo desde o berço o homem para que assim pudesse ser edificado o cidadão. O *zeitgeist* da época engendrava-se na razão superior a fé, sem excluí-la de todo, mas sem considerá-la pedra basal do conhecimento.

O humanismo, herança do renascimento, elevava a consideração da dignidade humana intelectual criadora como cerne da filosofia reinante. E, como disse Montaigne (ROSA, 1972, apud Michel de Montaigne, pg. 133). “É preciso inquirir quem sabe melhor, não quem é mais sábio.” O saber ultrapassava o conhecimento adquirido através de livros e mestres e se tornava algo que deveria ser cultivado e comprovado através do empirismo e instrumentos de precisão, que ampliavam o alcance da compreensão da realidade, como telescópios e microscópios.

⁵ Citação retirada do site
<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/Juridica/article/viewFile/3100/2862>

⁶ Citação retirada da nota de rodapé 82, pg. 233, do livro “A história da educação através dos textos”

Mas, embora o pensamento vigente, a filosofia utilizada, se auto-proclamasse baseada na razão e realmente exprimisse certa modernidade no tratado em relação ao povo, e alguns dos pensadores fossem mais modernos e tivessem uma clareza maior em seus raciocínios, em relação à mulher grande parte, senão toda concepção, era visivelmente machista e patriarcal. Não se considerava a mulher como parte da sociedade, ou mesmo como indivíduo original e independente, mas, sim, como suporte domiciliar aos negócios e ocupações de uma figura masculina. A mulher era uma propriedade para se fazer e desfazer ao bel prazer de quem a possuísse, fosse pai, irmão ou marido. Algo descartável, sem maiores vínculos emocionais do que eram dirigidos a propriedades, jóias ou animais de carga.

Visivelmente essa educação “iluminada” possuía muitos contornos e sombras, pois se pautava pela parcialidade e desigualdade de gênero. Spencer (ROSA, 1972 apud Herbert Spencer, pg. 272) dizia que “Os pais educam seus filhos da mesma forma que vestem seus corpos, segundo a moda que prevalece na ocasião.” Ou seja, a sociedade ocidental foi fundada e influenciada por um machismo milenar, que domina e permeia também as teorias educacionais na maioria das vezes. Poucos autores dão valor à educação feminina e quando dão nunca é de forma realmente igualitária.

Fénelon escreveu todo um tratado a respeito da educação das moças, enaltecia em sua obra o papel primordial que a mãe e a amante representavam no destino dos povos, o modo como a influência destas, de acordo com suas inclinações, poderia ser benéfica ou maléfica. De tal forma que, como diz Rosa (1972, pg. 182), “Portanto, a má educação das mulheres causa maior mal que a dos homens.” Mas apesar de acreditar que a educação feminina era de suprema importância também a caracterizava como subserviente ao homem. Ela deveria ser educada com o intuito de ser capaz de criar e instruir seus filhos de modo que se tornassem bons homens. Ou seja, sua função na vida não era considerar-se um ser individual com potencialidades e desejos, mas ser capaz de produzir e educar um ser humano, do sexo masculino, eficiente e útil para a sociedade. Giles deixa clara essa situação no seguinte trecho de História da Educação:

O programa de estudos almeja levar a aluna à prática da virtude moral e da piedade. O elemento intelectual ocupa nitidamente o segundo plano. O objetivo é alcançado se a menina, obviamente das classes abastadas, aprende a ler as Escrituras e é acompanhada por um diretor espiritual (GILES, 1987, pg. 162).

Ora, ignorar a individualidade, agir como se uma pessoa fosse um autômato passível de ser moldado dentro de um padrão externo e pré-concebido, sem considerar escolha ou aptidão, sem ao menos perguntar se o indivíduo se sente confortável neste papel que lhe foi outorgado tem sido o *modus operandi* dentro da sociedade. Raros e localizados são os povos que permitem a mulher uma vida independente da coletividade.

Mais um grande intelectual do período, citado anteriormente, Jean Jacques Rousseau, caracterizava a educação da mulher também como relativa aos homens, mas de forma menos edificante e impactante no destino da raça humana comparado a Fénelon, seu papel e dever, de acordo com Rousseau, era:

Agradá-los, serem-lhe úteis, fazerem-se amar e honrá-los, educá-los jovens, cuidar deles grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e doce: eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes devemos ensinar desde a infância (ROSA, 1972, apud Rousseau, pg. 214).

Sofia no livro “Emilio ou Da educação”, grande obra de Rousseau, é criada para se tornar uma esposa perfeita para o personagem título. Não é considerada humana, é um apêndice do seu futuro marido e como tal deve ser bem estruturada e polida quase a perfeição no seu papel de submissão. “Esperar que elas não se preocupem mais com os homens, é esperar que elas não prestem mais para nada.” (Rousseau, pg. 425, 1995).

Este tipo de pensamento cimentado em idéias preconceituosas, enquadrado na subjugação e dominação produzia um ambiente onde parte da sociedade era aviltantemente rebaixada de sua condição humana, quando não ignorada.

Todavia não é possível negar que Rousseau lança sementes inovadoras em questão à educação infantil, ele liberta a criança de todo artificialismo elevando-a a um novo patamar, lhe dando nova importância como futuro adulto, seu cuidado e educação se tornam primordiais assim como sua felicidade. De acordo com Francisco Larroyo:

A contribuição de Rousseau para a humanidade está em fazer da criança o novo ponto central. Acentuou o valor intrínseco da infância, impôs a exigência pedagógica de 'partir da criança' e de ver nela o centro e o fim da educação: em outras palavras chegou ao conceito de educação paidocêntrica (ROSA, 1972, apud Francisco Larroyo, nota de rodapé nº41, pg. 205).

É a partir do surgimento dessas novas concepções que a educação infantil realmente passa a ser preconizada como instrumento de edificação de um povo mais consciente de si mesmo e do mundo que o rodeava. O problema é que mesmo como desenvolvimento das novas teorias e o engajamento dos filósofos pouquíssimo, ou quase nada, do que se propunha era aceito e posto em prática.

Pestalozzi, por exemplo, foi um dos poucos sábios que conseguiu exercer uma influência mais duradoura na cultura educacional ocidental. Através do seu ensaio pedagógico na cidade de Neuuhof, no qual acolhia crianças órfãs e lhe fornecia a possibilidade de fazerem trabalhos para sua subsistência e autonomia, como cultivar os campos, tecer e fiar, ao mesmo tempo em que lhes eram ministradas lições intelectuais. O projeto não obteve êxito, mas por causa de seu exemplo mais pra frente nascem os láctarios, jardins de infância, maternais, colônias de férias etc...

Outro autor que conseguiu efetivamente ser relevante, não só no mundo das idéias, como na prática foi Augusto Froebel. Criador do modelo Kindergarten (jardim

de infância, inspirado por Pestalozzi) que existe até hoje, o filósofo primava pelo simbolismo em suas obras, julgando que fosse uma forma de linguagem da criança, atividades lúdicas e por uma visão mística e humanitária. E, decerto, sua maior contribuição para a pedagogia moderna é a de que o ser humano é criador, não apenas uma esponja capaz de absorver conhecimento, amplamente dinâmico, ativo e especialmente receptivo.

Há também Maria Montessori, quem desenvolveu e postulou o método Montessori de ensino: o qual consistia de um modelo estruturalista onde cada criança era responsável pelo seu próprio aprendizado, escolhendo entre as atividades propostas. Incluía também um ambiente apropriado e adaptado de acordo com a faixa etária, a execução de exercícios espontâneos através de objetos dispersos pela sala de aula capazes de despertar a atenção e curiosidade da criança e um professor treinado no método Montessori.

Maria foi a primeira mulher a ser aceita na faculdade de Roma, isso em 1896 apenas, local onde pôde estudar e formar-se em medicina. Embora proibida de exercer a profissão, pois era inimaginável uma mulher examinando o corpo de um homem, portanto desviou seu interesse para a educação de crianças especiais e, mais tarde, por crianças no geral.

Já em princípios do século XX é a teoria marxista, fundamentada na dialética materialista que declara ser o mundo físico a única realidade e que o aperfeiçoamento do homem só pode se dar dentro da sociedade enraizada firmemente nesse mundo material. Através da revolução bolchevique essa filosofia se propaga ao redor do globo despertando interesse em pedagogos ao redor do mundo e lançando um novo olhar não só sobre o modo de produção da humanidade como em suas relações interpessoais e a maneira com a qual a educação era tratada.

Esses pensadores e muitos outros além como: Thomasius, Owen, Locke, Spencer, Rabelais etc..., foram considerados revolucionários em sua época, inspiravam um novo modelo educacional, uma quebra de paradigma onde a educação se tornava base, pilar sustentador e princípio de um povo. Apesar disso o número de nomes da filosofia, e das ciências em geral, que se ocupavam ou

percebiam a defasagem, a rigidez conservadora que se imiscuía no trato reservado a mulher era e, dependendo do ponto de vista, ou do ponto geográfico, ainda é infinitamente pequena. O que deve ser propagado e compreendido é que a mulher, como pessoa, como ser humano, tem os mesmos direitos, dignidade e necessidade de auto-realização que o homem.

3.2-) CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS DOIS HEMISFÉRIOS

É perceptível que os teóricos citados acima são categóricos num quesito, podem divergir na opinião sobre o processo, mas todos concordam que a educação do ser humano só é completa se bem estruturada e se iniciada na infância.

Já dizia a sabedoria popular “É de pequenino que se torce o pepino”. A educação de crianças é a forma mais eficaz de se mudar a cultura comportamental de uma sociedade. O desenvolvimento cognitivo é o modo como os indivíduos adquirem conhecimento do mundo no decorrer de suas vidas e como a criança inicialmente não possui preconceitos nem estereótipos implantados em seu subconsciente é terreno fértil para o aprendizado e difusão de novos paradigmas. Piaget, por exemplo, acreditava que o estágio das operações formais era o fim do desenvolvimento cognitivo. “Em outras palavras, um adulto pode raciocinar mais rápido ou mais precisamente à medida que amadurece e que tem mais experiências, mas não raciocina de forma diferente.” (BEE, 1984, pg. 280).

Ou seja, se é necessário mudar a maneira com a qual a sociedade encara os padrões femininos e masculinos, reconstruir ou destruir conceitos, reformular questões inerentes ao papel que cada indivíduo desempenha dentro de uma coletividade a educação infantil é o melhor modo de se conseguir engendrar mudanças.

A UNESCO, por exemplo, tem o programa “Education for all” desde o ano 2000, que consiste de seis metas a serem alcançadas por 164 países que se comprometeram até 2015. São elas: Cuidado e educação de crianças na primeira

infância, educação primária universal, necessidade de aprendizado de jovens e adultos, melhorar o nível de adultos letrados, paridade e igualdade de gênero no acesso a educação e, por fim, mas não menos importante, melhorar a qualidade da educação.⁷ Ou seja, ainda existem no mundo lugares que menosprezam a educação feminina de tal modo que isso se torna uma meta importante a ser atingida.

Portanto a educação infantil é uma preocupação geral e globalizada. Não se pode dizer que no mundo ocidental já se tenha alcançado as metas apontadas pela UNESCO, o Brasil, por exemplo, está entre os 53 países que não atingiram e nem estão perto de atingir o cumprimento das medidas do “Education for All”, embora tenham ocorrido melhoras.⁸ Isso prova que há necessidade de investimento econômico e intelectual na questão da educação feminina e na educação de toda a população terrestre.

Entretanto existem países que se encontram numa situação ainda mais precária no tocante ao ensino de crianças, pois além da pobreza que usualmente leva as famílias a colocarem os filhos para trabalhar, ainda existe o preconceito de gênero. Em lugares como a Índia, Nepal, Afeganistão, onde a pobreza é extrema e as culturas são extremamente ligadas à religião, ao paternalismo e ao patriarcado meninas são proibidas de irem à escola pelo simples fato de serem meninas.

Afinal uma educação de qualidade para a humanidade é um objetivo a ser alcançado, mas mais que isso, primordialmente, a educação igualitária e acessível a todos, sem distinção de gênero é uma necessidade imediata e um grande instrumento para se iniciarem as mudanças urgentes que precisam ocorrer na humanidade. Uma reforma educacional que mude radicalmente a concepção de gênero, que renove o pensamento das pessoas em relação à importância da mulher na sociedade e que contemple a todos deve ser buscada com todos os esforços.

3.3) UMA VISÃO QUESTIONADORA DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

⁷ Informações retiradas do relatório de monitoramento global do programa da UNESCO “Educação para todos”, disponível no site: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002180/218003e.pdf>

⁸ Informação retirada do site <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/education-for-all/>

Após o século XIX poucos pedagogos tiveram sucesso em desenvolver teorias educacionais que fossem executáveis e tivessem sucesso. A educação contemporânea é, em larga escala, fundamentada nesses pensadores iluministas, que procuravam gerar soluções para os problemas educacionais de suas épocas e que também tinham preconceitos e limitações ligados a cultura em que estavam inseridos. A educação, como tudo que permeia a sociedade, está ligada a ocorrências políticas e sociais, sofre modismos assim como toda a construção cultural que marca uma época.

Como é possível perceber, nesse apanhado de pedagogos mencionados, a quase inexistência de educadoras, mulheres que tivessem e a quem fosse permitido ter algo a dizer sobre o assunto que tange a educação da sociedade como um todo, não só dos meninos, como das meninas, tanto quanto das crianças especiais.

Houve tentativas, é claro, no decorrer da história de se criar o modelo educacional que suprisse, alimentasse e construísse pessoas sãs, felizes e capazes. Por exemplo, a escola criada por Fenélon, com auxílio de Madame de Maintenon, para meninas órfãs, burguesas de 7 a 14 anos no século XVII. Ou as Casas dei Bambinni, de Maria Montessori no século XX. Os experimentos existiram, a vontade de mudar também, mas não havia a real consciência da necessidade da educação formal feminina.

As boas intenções, as iniciativas altruístas, as hipóteses libertadoras sempre esbarravam em antigos dogmas construídos pela igreja, pela cultura, pela necessidade de auto-afirmação masculina e pela complacência feminina e acabavam sendo rechaçadas como imorais, desnecessárias ou como uma ameaça ao sistema existente.

Foi preciso tempo para admitir que a mulher também era uma pessoa, e que tem direitos. E mais tempo ainda para que fosse associada ao homem e para que este reconhecesse que os direitos concedidos à mulher não eram privilégios subtraídos a ele, mas, ao contrário, um acréscimo da dignidade da comunidade humana, composta de homens e mulheres (MURARO, 1972, pg. 111).

Educar o povo, o trabalhador, sim. Educar a mulher, não. Partia-se do princípio da mulher não ser sequer considerada como parte relevante da população. Sua vida era orientada para a submissão, nunca para a independência intelectual ou emocional, não era considerada um ser cheio de potencialidades e capacidade. Mas já dizia Simone de Beauvoir (1970, pg. 134) “Uma mulher pode elevar-se tão alto como um homem quando por um espantoso acaso as possibilidades de um homem lhe são dadas.” E isso é possível agora, apesar de ainda existir segregação, preconceito e má vontade, à mulher ocidental hoje em dia, em sua maioria, é permitido viver e exercer sua humanidade. Nunca houve uma consciência sobre o feminino no mundo ocidental tão grande como hoje e ainda assim a reforma educacional não acontece.

A luta pela educação como um todo, mas principalmente pela feminina, sempre foi árdua. Uma batalha a ser travada contra toda esta coletividade empedernida numa mesquinhez sem motivo, uma cultura milenar baseada na proibição e este ranço sexista que habita cada indivíduo desta sociedade ocidental e que se mostram como obstáculos a serem transpostos. E apesar das diversas conquistas, do fato de hoje em dia grande parte dos estudantes matriculados em universidades no ocidente ser mulher é necessário ainda uma revolução educacional. No sentido de que a história que se aprende nas escolas, os métodos, as ambições e a participação na sociedade ainda se pautam por uma visão particular ao preconceito de gênero. São traços sutis percebidos por atitudes do cotidiano e da necessidade da existência de leis que façam cumprir o direito feminino. São ensinamentos passados de geração em geração que segregam, ferem e emburrecem.

Ora, o ideal não seria uma mudança de consciência onde cada pessoa se visse como outra pessoa, não como gênero? E afinal de contas o gênero feminino não foi espicaçado através das eras de forma que tudo que se coligasse a ele seria também diminuído e admoestado? Portanto o que se espera da educação atual não é uma mudança de paradigma, a reconstrução da consciência, a reformulação da visão que as pessoas têm de si e uma das outras, por mais utópico que possa parecer?

Sim, estas deveriam ser as metas almejadas, as pautas em questão, a luta individual e coletiva de cada um neste planeta. E, antes disso, o acesso a educação formal a meninas ao redor do globo, pois mesmo sendo uma realidade a participação de garotas em escolas e universidades e existirem leis que garantem o direito a educação na maior parte dos países isso ainda não ocorre de forma homogênea em todos os lugares. Nas áreas mais pobres ou tradicionais do globo, ainda baseadas num núcleo estritamente familiar, onde a palavra do pai é lei, meninas são forçadas a ficar em casa e trabalhar, em oposição a todos os seus anseios, enquanto seus irmãos, por serem homens, podem ir a escola. Garotas mal saídas das fraldas são oferecidas em casamento contra a vontade, geralmente com homens muitos mais velhos, o tráfico de mulheres produz milhões de vítimas e a propagação da AIDS é exponencialmente maior entre a população feminina em continentes como a África subsaariana, chega a ser 75%.⁹

No mundo, como ele vem existindo, a identidade individual de cada um só se torna real ao se opor ao outro, a alteridade deixa de ser a interdependência e se torna o atrito de personalidades, na sua busca desenfreada por sua individualidade o ser humano vem se isolando cada vez mais. As pessoas só se sentem capazes de existir ao se separarem, fragmentando-se de seu semelhante, quando o discernimento de suas diferenças é fácil e gritante e onde e porque cada um se diverge é claro.

Unir-se, igualar-se, é impossível, pois gera uma sensação de que o próprio eu de cada um está se enfraquecendo, de que o ego se dissolve numa grande massa homogênea e cada um se torna o nada que é o todo. Quando na verdade é justamente o oposto. Quando as pessoas se unem, se igualam, quando se compreendem estão se fortalecendo e se tornando parte de algo maior e mais completo. Bardwick acessa essa realidade de forma pontual no livro “Mulher sociedade de transição” ao dizer:

⁹ Informação retirada do filme

Partindo da idéia da singularidade e do isolamento de nossa espécie, os seres humanos criaram a base intelectual da solidão de cada indivíduo; e estaremos negando nossa conexão com todas as outras coisas vivas, negando o conhecimento de nossa morte, se julgarmos que nossa megalomania antropocêntrica é uma virtude (BARDWICK, 1981, pg. 209).

Separar para conquistar vem sendo o lema de alguma entidade arbitrária que vem governando este mundo, colocando o Homem contra a natureza, o homem contra a mulher, o homem contra o homem, o ser humano contra o planeta inteiro. Mas a força da raça humana se reflete em sua união, em sua coletividade, em sua capacidade de se identificar com seu semelhante. É nos momentos de grandes calamidades, de guerra e de sofrimento que se torna perceptível a grande generosidade do ser humano e sua empatia com seu semelhante.

Isso tudo pode e deve ser mudado e é através da educação que esse devaneio utópico pode se tornar realidade. Reformulando os paradigmas, lançando uma nova luz sobre as relações interpessoais é que se permite criar dentro de cada um essa sensação de pertencimento, ao se deparar com a verdade de que faz parte de um coletivo, ao compreender que a interdependência é que faz a verdadeira força, ao ser capaz de reconhecer sua ligação com o próximo é que o ser humano se sente realizado e completo. O vazio existencial deixa de existir e um senso de identificação e propósito preenchem o que antes estava oco.

A competição desmedida e irracional dá lugar à cooperação. O medo do outro, o desdém se transmuta em compreensão e empatia. Quando o ser humano se dá conta do que é e quando começar a se amar de verdade é que ele começa a amar ao próximo, pois percebe que são iguais e passa a ser simplesmente ridículo e descabido rejeitar e diminuir o outro quando todos se encontram em plena igualdade.

Ainda que o progresso exista, que mudanças positivas estejam ocorrendo e que as diferenças estejam diminuindo ainda é impossível negar a realidade de que muito ainda precisa ser feito. É um trabalho longo e exige um esforço contínuo da sociedade para que se torne um fato absolutamente concreto. Consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta da ONU, sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano e na igualdade de direitos entre homens e mulheres, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla (...) o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforcem, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades... (Declaração Internacional dos Direitos Humanos, preâmbulo, pg. 1)¹⁰

Pode ser que a hipótese levantada neste trabalho seja pura fantasia, um sonho de um mundo dourado onde o ser humano se identifica como raça imparcial, unida, igual, empática, potencial e não como gênero, cor, religião ou qualquer dessas desculpas utilizadas para causar essa cisão irracional e amedrontada. Porém a crença no homem bom permeia a intenção, a fé na educação levanta o moral e a facilidade encontrada nos dias de hoje para se ter acesso a informação, o alcance e a rapidez da comunicação pela internet são capazes de produzir a vontade e o movimento necessário para que as coisas comecem a mudar.

4-) UM POSSÍVEL INSTRUMENTO DE MUDANÇA SOCIAL

4.1-) *UMA BREVE INTRODUÇÃO AO CIBERATIVISMO*

O fim do século XX foi marcado por grandes mudanças, tanto políticas, quanto culturais e tecnológicas. Uma das mais marcantes e revolucionárias para a sociedade foi o advento e a propagação da internet tornando o mundo, que já vinha diminuindo desde as grandes navegações, a, como diria Marshall McLuhan, uma aldeia global.¹¹ Onde todos estão conectados por frágeis laços de interação social e a cultura de massa passa a ser ainda mais abrangente. As interações sociais, por

¹⁰ Citação retirada do site http://www.prr3.mpf.mp.br/imagens/boletim_info/dudh-onu.pdf

¹¹ Termo retirado do site <http://www.marshallmcluhan.com/common-questions/>

causa da rede, se tornam mais difusas, os limites se estendem, o tempo se torna fluido e as barreiras geográficas deixam de ser um empecilho.

Tudo se torna mais complexo, a vida real se interconecta com a vida na rede e a comunidade, o coletivo passa a ter novo significado, pois a comunicação interpessoal começa a passar do físico para o virtual e os antigos parâmetros de espaço e tempo passam a ser obsoletos. Novos valores constituem o que é socialmente aceito e relevante, valores moldados por uma transnacionalidade e por uma velocidade maior na mudança de tendência de comportamento. “A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso o virtual é imaginário”. (LÉVY, 1996, p. 21)

Nos dias de hoje tudo se encontra a distância de um click, com a propagação do uso da internet a partir dos anos 90 a informação se tornou um bem de consumo volátil e mutável, acessível de quase qualquer parte do planeta e tornando fácil a conexão entre pessoas de diferentes lugares. Lima (2009, p. 17) acerta essa situação de forma clara ao afirmar que as mais diversas pessoas podem entrar em contato via Internet, “apertar as mãos” no mundo inteiro. Com essa familiaridade e proximidade, ainda que artificial, desperta-se entre os usuários uma sensação de coletividade, de comunidade que une as pessoas em prol de opiniões e causas em comum. Castells (2002, p.444) também explicita de modo coerente essa situação de intimidade que o mundo virtual cria ao defini-la como “muito unida, espacialmente definida, de apoio e aconchego, que provavelmente não existia nas sociedades rurais, e que decerto desapareceu nos países industrializados”.

Criam-se laços entre os usuários dessas comunidades originadas nesse meio virtual, as pessoas encontram seus iguais, instrumentos para se fazerem ouvir e plataformas onde podem abraçar as causas que lhes tocam na alma sem terem que se levantar do sofá. Tem contato com pessoas do mundo inteiro, culturas ímpares sem terem que gastar mais do que a mensalidade paga pelo serviço que lhes fornece o sinal.

Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem (...) (CASTELLS, 2002, p. 462).

Superando os meios de comunicação em massa tradicionais como rádio, jornal e televisão a internet se tornou uma grande ferramenta de dispersão, criação e discussão de idéias e troca de conhecimento. Não é que os meios de comunicação tenham sido relegados ao esquecimento, apenas se instituiu como uma nova forma mais rápida, sem a questão da limitação geográfica e às vezes mais completa, por carregar diversos pontos de vista sem censura e sem um partidarismo que permeie toda sua estrutura. É possível encontrar todo tipo de inclinação política e ideológica na internet, não existe na rede o conceito de história oficial, existem variedades infinitas de opiniões e o usuário tem a possibilidade de partilhar seu ponto de vista pessoal e ser ouvido.

O colaborativismo na web é uma faceta importante no porque seu poder de influência se fortalece dia a dia, o indivíduo não se limita mais a ser um receptor, ele se torna também um produtor de informação. A troca acontece de forma rápida e espontânea gerando reações que ultrapassam o mundo virtual, como aconteceu nos manifestos brasileiros de junho de 2013. O ser humano passa a ser um agente ativo na captação e na disseminação de informações e conhecimento, ajudando a construir a rede através de inovações advindas de sua própria criatividade.

Talentos, que outrora poderiam passar despercebidos por falta de fundamento econômico ou oportunidade, outras visões sobre acontecimentos corriqueiros encontram um ambiente livre e propício para se propagarem nesse meio virtual. Ocorre uma valorização da inteligência do indivíduo, uma elevação da importância da individualidade o que, na sociedade egocêntrica contemporânea, é um atrativo ainda maior junto com a reciprocidade quase imediata que ameniza a sensação de solidão que o frio contato com o computador pode causar. Jeff Howe (2008, p.131) declara “a multidão possui uma variedade enorme de talentos. Nela podemos encontrar pessoas com o tipo de expertise e aptidão científica que antes

existiam apenas na elite acadêmica”. Ou seja, na internet qualquer coisa se torna provável a quem tem acesso a ela.

Embora os críticos, como Milton Santos,¹² considerem a exclusão digital como um fator relevante a ser considerado e a homogeneização cultural, o fato é que ao contrário de esmorecer, devido ao desaquecimento econômico, guerras, os problemas citados anteriormente e revoluções sociais e culturais a rede se fortalece cada dia mais. Desde 2003, quando a Organização das Nações Unidas elencou como meta criar uma sociedade global da informação, o número de pessoas no mundo com acesso a internet dobrou. Embora apenas 25% da população mundial realmente tenham acesso à rede, no fim do ano de 2009 isso representava 1,7 bilhões de pessoas.¹³ Sem contar o investimento dos governos, instruídos pela UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES, a desenvolverem pontos de acesso a internet em escolas, correios e centros de saúde permitindo assim o acesso da população mais carente.

Por outro lado existem também as grandes empresas que com acesso a esse ambiente livre de líderes e leis tentam adequar a participação social segundo seu interesse. De acordo com Jenkins há corporações que acreditam que a participação do público é algo passível de controle, que pode ser iniciado ou impedido, desviado ou retomado, transformado em produto ou mercadoria e ser comercializado a seu bel prazer. Aquelas são proibicionistas que lutam para impedir a participação não autorizada do público; as cooperativistas tentam conquistar os criadores alternativos e uni-los dentro de seu próprio controle. (Jenkins, 2008, pg. 228)

Entretanto, devido ao aspecto de reciprocidade da internet fica difícil manipular a opinião e a vontade do usuário, pois não estando preso como receptor ele pode sair em busca de alternativas e outras opiniões dentro da rede.

Esse terreno fértil e livre abre espaço para um tipo inovador de engajamento coletivo, o ciberativismo que de acordo com o professor Dênis de Moraes “É uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembléias,

¹² Referência ao texto “Por uma globalização mais humana”, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u351805.shtml>

¹³ Informações retiradas do site <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,no-mundo-75-da-populacao-ainda-nao-tem-acesso-a-internet,556522,0.htm>

passatas, atos públicos e panfletos.”¹⁴ O fervilhar de todos os tipos de causa, sejam sociais ou ambientais, instiga as pessoas a se tornarem participantes e agentes de mudança.

Constantemente alimentada de novos fatos e acontecimentos a rede se desenrola em inúmeros braços que acabam se interligando através das relações criadas por seus usuários. Chris Anderson (2006, p. 62) pontua “milhões de pessoas comuns têm as ferramentas e os modelos para se tornarem produtores amadores. Algumas também terão talento e visão”.

Aquelas de talento e visão serão responsáveis por criar instrumentos de mudança social e inspirar outras pessoas a se tornarem componentes dessas inovações. Levantando questões e erigindo argumentos em prol de causas de interesse tanto local quanto global. Castells (2002, p. 446) explica que o ambiente virtual “favorece a comunicação desinibida e, nas redes com base em empresas, estimula a participação de trabalhadores de *status* inferiores.”

Ou seja, devido ao fato de não existir um contato físico, de o computador funcionar como uma barreira protetora as pessoas se nivelam, de certa forma, no mesmo patamar social. As classes denominadas oprimidas como: o grupo LGBT, negros, índios e mulheres, encontram um campo razoavelmente “neutro” para relatarem sua situação e a injustiça social e econômica que sofrem, por vezes de forma velada, de maneira independente de mediadores. A comunicação acontece de forma direta.

A questão é que todos podem participar, não esquecendo ou menosprezando a necessidade do acesso, não importando local, língua, idade ou religião. Lévy relata como se deu o início da comunicação baseada na informática no seguinte trecho:

O crescimento da comunicação baseada na informática foi iniciado por um movimento de jovens metropolitanos cultos que veio a tona no final dos anos 80. Os atores desse movimento exploraram e construíram um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva. (LÉVY, 1999, pg. 125).

¹⁴ Citação retirada do site http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_281598.shtml

Embora de princípio essas iniciativas sejam de cunho regional, geralmente abarcam questões globais como igualdade sexual, preconceito, direitos humanos e questões ambientais. Ou seja, tem um espectro universal e através da internet um alcance muito maior. Ugarte resume bem do que se trata o ciberativismo

O ciberativismo é uma estratégia para formar coalizões temporais de pessoas que, utilizando ferramentas dessa rede, gerem a massa crítica suficiente de informação e debate, para que este debate transcenda à blogosfera e saia a rua, ou modifique, de forma perceptível, o comportamento de um número amplo de pessoas (UGARTE, 2008, pg.81).

Portanto, através dessa liberdade tecnológica e acesso intelectual é possível ocorrer uma melhoria tanto econômica quanto social, pois num ambiente onde é possível questionar a realidade em que se vive sem amarras e censuras inicia-se uma percepção de que é possível fazer algo para alterar o estado da sociedade em que se vive.

Por ser possível existir a discussão, a troca livre de conhecimento proporciona um crescimento individual e coletivo ao instigar o engajamento do cidadão comum. Ao lançá-lo neste mundo digital, onde é plausível o início de uma revolução social, não existe pessoa que não se sinta tomada de empolgação quando percebe que sua existência, seu empenho podem melhorar a situação na qual tem vivido.

A internet hoje em dia é o campo mais abundante e ilimitado de propagação e compartilhamento de cultura, ideologias, idéias e conhecimento. Onde existe uma gama interminável de conteúdo, é claro que muitas vezes conteúdo de viés reacionário, preconceituoso ou mal informado, mas, também, um espaço onde se existe a possibilidade de alcançar mais pessoas, mais rápido e em mais lugares com conteúdo benéfico e humanístico.

O ciberativismo e o ciberespaço estão em contínuo progresso e desenvolvimento, acompanhando a inovação tecnológica e as modificações sócio-culturais, crescendo com o engajamento dos usuários e se conectando com a

realidade seja por ideologia, seja por diversão. O importante é focar no seu aspecto mais edificante e através disso tentar reinventar o mundo e a sociedade.

4.2-) O INSTRUMENTO

Neste subitem será apresentada uma campanha que norteia uma iniciativa em prol da educação feminina em países em desenvolvimento e a qual se enquadra no contexto do ciberativismo, por ser visivelmente pertinente a uma mudança social e por acontecer quase que exclusivamente na internet.

A campanha, chamada 10X10, baseia-se, primariamente, no filme Girl Rising onde nove garotas, de lugares diferentes do mundo, têm suas vidas e sua luta pela educação retratadas de forma contundente. As histórias foram produzidas por escritoras renomadas de cada país, com a ajuda das meninas, e são narradas por atrizes e cantoras conhecidas mundialmente. Como a educação feminina em países em desenvolvimento é uma questão de âmbito global a forma mais fácil e expressiva de se informar sobre o assunto é pela internet, pois cada local tem sua particularidade e essa rede global de troca de informações é capaz de fornecer um ambiente ilimitado de ação e propagação de idéias, informações e notícias.

Fundada em 2010, a 10X10 foi criada por jornalistas da ABC News em parceria com a The Documentary Group e a produtora Vulcan Productions e tem como parceiros estratégicos a Intel Corporations e a CNN FILMS. Também conta com o apoio de ONGS que providenciam serviços importantes ao redor do mundo para garotas em situações precárias como: A new Day Cambodia, Care USA, Fundação Girl Up das Nações unidas, Partners in Health, Plan International USA, Pratham USA, Room to Read e World Vision e a UNESCO é apoiadora da campanha.

Entretanto a campanha foi lançada oficialmente apenas no dia dez de outubro de 2012, às vésperas do primeiro dia internacional da menina, inaugurado pela ONU, e o filme foi lançado oficialmente em 16 de junho de 2013 pela CNN em escala mundial.

4.3-) CAMPANHA 10X10

Baseada quase que exclusivamente na Internet a campanha conta com um site, com sua homepage mostrada na figura 1, onde se encontram links para todas as informações pertinentes a propagação da campanha e reprodução do filme.



Figura 1- Reprodução da homepage do site girlrising.com Em: <http://www.girlrising.com/>

O site da campanha possui diversas páginas, mas, entretanto, ele se divide, principalmente, em três partes cardeais (figura 2) que são o que verdadeiramente norteia a ação.

A primeira é: See the film. Onde quem acessa é convidado a ver o filme e ao clicar no link é direcionado para uma área onde é explicado quais são os modos de se ter acesso a reprodução do mesmo ao se clicar no botão “more info”, em amarelo (figura 3). As sessões oficiais feitas pela organização ou em cinemas não são o foco da campanha, os produtores do filme encorajam ativamente as pessoas comuns a organizarem sessões particulares ou públicas em suas regiões.

Para ser possível assistir ao filme, cooperando com a campanha, é necessário comprar a sessão ou através de crowdsourcing se pessoas o suficiente se cadastrarem para assistir. As sessões são divididas em três nichos de propagação: comunidade, escolas e companhias e é necessário preencher um formulário, escolher uma data para a projeção e pagar a taxa. Para as comunidades são 350 dólares, 600 se o cinema no qual for exibido o filme exigir uma cópia DCP.

Escolas 350 dólares e companhias se dividem em: uma única exibição, 750 dólares, até dez exibições por um mês, 5000 dólares, exibições ilimitadas por seis meses, 25.000 dólares, e exibições ilimitadas por um ano, 50.000 dólares. Também existe a possibilidade de, após se preencher um cadastro, baixar um episódio do filme, o que conta a história de Suma, a garota do Nepal.



Figura 2- Reprodução da página com os links do site girlrising.com. Em: <http://www.girlrising.com>



Figura 3- Reprodução da página de propagação do filme. Em: <http://www.girlrising.com/>

A segunda parte é: Invest in her, donate. Página que incentiva e explica o motivo da importância de doações (figura 4).

Girl Rising é um filme e uma campanha de ação global em prol da educação de garotas. Ao redor do mundo, milhões de garotas enfrentam barreiras para se educarem o que não acontece com os meninos. E ainda assim, quando você educa uma menina, você pode quebrar o ciclo de pobreza em apenas uma geração.¹⁵

Onde é relatado que ao doar quem acessa estará ajudando a ONGs parceiras da campanha, que são responsáveis por ajudar milhões de garotas em situação periclitante ao redor do mundo. O site diz ainda que quebrando o padrão de não educar garotas é possível melhorar a vida não só das meninas, como de suas famílias e comunidade. Uma fundação, The 501c3 Fund, foi criada para receber as doações e é responsável por dividi-las igualmente entre as ONGS aliadas.

¹⁵ Citação retirada diretamente do site <http://www.girlrising.com/give/?id10x10=undefined> e livremente traduzida

Nessa página também é possível realizar a doação através de links de 30, 50, 75, 100 dólares ou outro valor (figura 5). Ao clicar em um dos valores o doador é levado a um formulário (figura 6) que após preenchido com dados pessoais é finalizado com o pagamento através de cartão de crédito.

Aqueles interessados podem realizar igualmente através dos correios pelo endereço: Tides Foundation Memo: The Girl Rising Fund P.O. Box 29903, San Francisco, CA 94129-0903.



Figura 4- Reprodução do trecho de incentivo da página de doação. Em: <http://www.girlrising.com/>



Figura 5- Reprodução do link de doação. Em: <http://www.girlrising.com/>

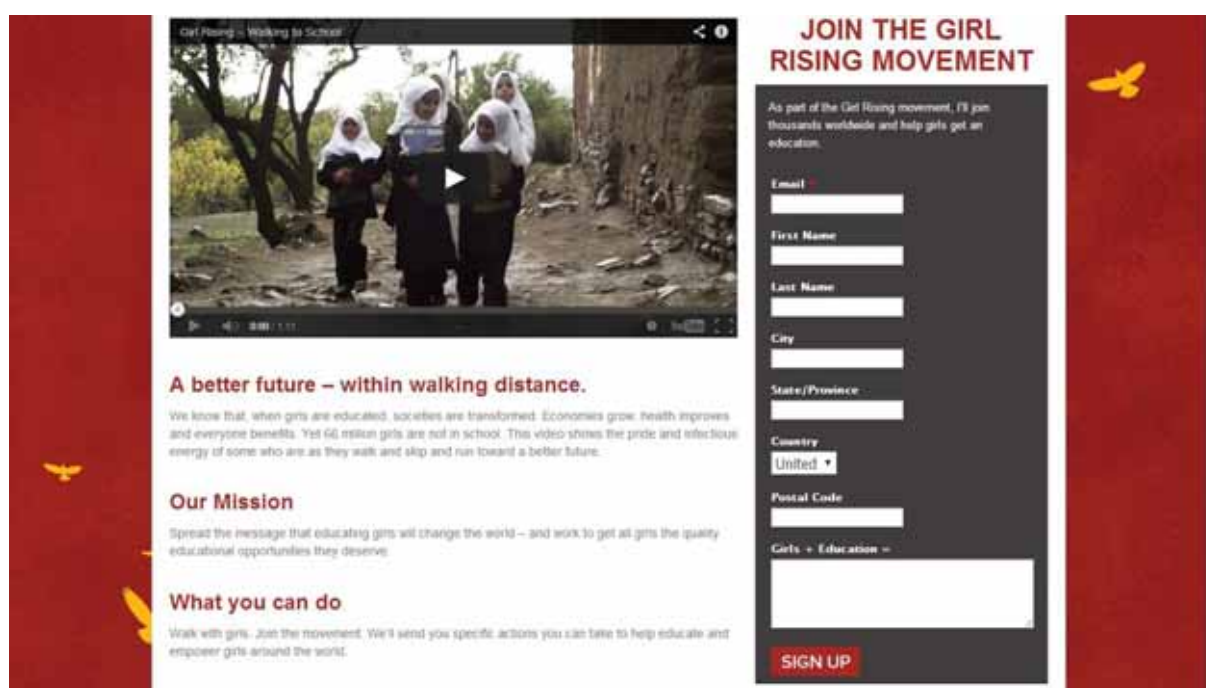
Figura 6- Reprodução do formulário de doação. Em: <http://www.girlrising.com/>

E, enfim, mas não menos importante, o link para a página Stand with her, join us (figura 7). Que convida quem está acessando a se juntar a causa “Nós sabemos que, quando garotas são educadas, as sociedades são transformadas. Economias crescem, a saúde melhora e todos se beneficiam. Ainda sim 66 milhões de meninas não estão na escola.” E indica que o usuário assista ao vídeo, onde é possível ver o

orgulho e energia contagiante de algumas meninas enquanto elas caminham rumo a um futuro melhor

Deixa clara a missão da campanha “Espalhar a mensagem de que educar meninas mudará o mundo - e trabalhar para conseguir para essas meninas as oportunidade iguais em relação a educação que elas merecem.”

E informa ao usuário como ele pode participar, através do preenchimento de um formulário. “Caminhe com essas meninas. Junte-se ao movimento. Nós mandaremos ações específicas que você pode tomar para ajudar a educar e empoderar garotas ao redor do mundo.”¹⁶



JOIN THE GIRL RISING MOVEMENT

As part of the Girl Rising movement, I'll join thousands worldwide and help girls get an education.

Email

First Name

Last Name

City

State/Province

Country

Postal Code

Girls + Education =

SIGN UP

A better future – within walking distance.

We know that, when girls are educated, societies are transformed. Economies grow, health improves and everyone benefits. Yet 66 million girls are not in school. This video shows the pride and infectious energy of some who are as they walk and skip and run toward a better future.

Our Mission

Spread the message that educating girls will change the world – and work to get all girls the quality educational opportunities they deserve.

What you can do

Walk with girls. Join the movement. We'll send you specific actions you can take to help educate and empower girls around the world.

Figura 7- Reprodução da página que convida o usuário a se associar. Em: <http://www.girlrising.com/>

Também existem links para o perfil da campanha em outras mídias sociais como twitter, facebook, Google + e youtube (figura 8).

¹⁶ Todos os trechos entre aspas acima foram retirados diretamente do site <http://www.girlrising.com/join-movement/?id10x10=undefined> e livremente traduzidos.



Figura 8- Reprodução da homepage das mídias sociais da campanha, em sentido horário, nos sites: facebook, twitter, google + e youtube.

A campanha se alastra, de modo quase que total, por meio de plataformas virtuais, embora o filme tenha sido veiculado pela televisão através da CNN. A propagação se dá através de vídeos e informações, referentes ao tema da campanha, postadas nos canais de comunicação e das sessões organizadas pelo próprio público da campanha. Existe, inclusive, um blog dentro do próprio site no qual notícias de pessoas, ao redor do mundo, que estão se movendo e realizando ações em prol da disseminação da educação e na luta por essa igualdade.

A disseminação na internet funciona como uma corrente, cada pessoa que curte no facebook, compartilha uma notícia no twitter, Google + etc... Aumenta um elo e, ao se conectar com a causa, acaba por ligar outras pessoas do seu próprio círculo de amizades, provendo o acesso a outras pessoas que não tinham conhecimento prévio da campanha. Funciona como uma sequência de dominós, ou círculos concêntricos na água, assim que a primeira iniciativa acontece a tomada de consciência ocorre e não se pode parar ou voltar ao que se era antes, é necessário

sempre seguir em frente. Essa geração espontânea de buzz e de divulgação é o que acaba instigando as pessoas a doarem ou se interessarem por ver o filme.

4.4-) GIRL RISING

O filme é o pilar que sustenta e expõe os valores e motivos da campanha como um todo, pois é através dele que informações e estatísticas são repassadas ao espectador e é por meio dele também que ocorre a identificação e a empatia com essas meninas necessitadas ao redor do globo. Não é um filme, no sentido tradicional da palavra, e também não pode ser considerado estritamente um documentário, pois existem liberdades poéticas que são tomadas em nome do lirismo necessário para narrar à história das garotas de forma mais sutil, para que o espectador consiga enxergar o que a escritora queria passar e ser visualmente agradável e apelativo.

É reiterado durante toda a película que a educação é o único modo de aumentar a auto-estima e a confiança pessoal dessas meninas que vivem em lugares onde a intelectualidade feminina é algo que nunca é levado em consideração.

Apesar da campanha demonstrar certo viés ideológico e motivações econômicas ao retratar apenas meninas não brancas, de países em subdesenvolvimento como o público afetado por essa defasagem educacional o filme levanta questões e aponta direções como possíveis soluções do problema.

Dirigido por Richard E. Robbins, o filme prima pelos efeitos imagéticos utilizados em cada episódio, que serão detalhados mais a frente. Dividido em nove episódios curtos de mais ou menos seis minutos, conta a história de nove meninas, de distintas partes da Terra, que lutam ou tiveram de lutar para poderem ter acesso à educação. Entre os esquetes são compartilhados dados e estatísticas, narradas pelo ator inglês Liam Neeson, alarmantes sobre a situação educacional de garotas ao redor do mundo e como essa desproporção entre meninos e meninas pode acarretar em miséria, tráfico humano e morte precoce. Entretanto as informações

repassadas durante o filme não são creditadas e não é informado quais são as fontes.

Cada história foi feita por uma escritora renomada do país em questão em parceria com a menina cuja história é contada e narrada por uma mulher famosa, todas atrizes e/ou cantoras. As próprias meninas atuam em suas partes e os episódios funcionam como uma encenação do que aconteceu com elas, uma mistura de atuação e verdade, realidade com uma pitada da magia de Hollywood. O filme funciona como um mostruário de situações onde a educação é a bóia de salvação da vida dessas meninas. Essas histórias são como milhares de outras, histórias de luta e de uma tentativa desesperada de preservar o próprio ser, o direito de existir e de serem consideradas seres humanos. Garotas não são o problema, são a solução dele. Educar meninas funciona. Se os países investissem nisso seu PIB aumentaria em milhões de acordo com o filme.

Embora não deixe claro como as vidas das protagonistas se desenvolveram ou que papel a organização teve na mudança de condição social, levanta a bandeira e convida o espectador a repensar seu mundo de um modo mais igualitário e a se perguntar o porque dessas moças não terem sequer o direito de aprender a escreverem seu nomes.

4.4.1-) UMA GAROTA COM CORAGEM É UMA REVOLUÇÃO

Neste item será relatada brevemente a história das meninas, seu contexto e situação na ordem que ocorrem no filme. Todas com histórias diferentes, culturas e línguas distintas, mas vitimizadas pelos mesmos problemas

1- Sokha



Figura 9- Reprodução retirada da internet. Em: <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

A primeira história se passa no Camboja, é sobre uma menina, que ao se tornar órfã acaba por ter de ir trabalhar no aterro sanitário de sua cidade.

O episódio mostra a garota em meio aos detritos de um lixão em contraste com sua vida de bailarina, que só se torna realidade depois que conseguiu entrar na escola. Sokha é retratada como uma menina sonhadora, sempre esperançosa em um lugar onde uma menina é só mais uma coisa que o mundo descartou. E seu maior desejo, de acordo com a narrativa, é ter um uniforme escolar limpo e lápis apontados, seu maior anseio é poder ir para a escola. Porém, no seu excerto, não é deixado claro como ocorreu essa mudança, se foi por iniciativa da própria Sokha ou se alguma outra pessoa ou organização teve papel relevante no acontecimento, mas é deixado claro que a partir do momento em que isso aconteceu ela se tornou a autora de sua própria história.

Narração: Alicia Keys

Escritora: Loung Ung

2- Wadley



Figura 10- Reprodução retirada da internet. <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

O segundo episódio acontece no Haiti e começa no dia do grande terremoto de 2010. A heroína desta história, Wadley, já de início se mostra interessada nas palavras de Toussaint Louverture, que tenta decorar para uma lição de história na escola, o maior líder da revolução haitiana e demonstra a vontade de ser corajosa e destemida como ele. Entretanto, a narração logo em seguida diz que ela gostaria de ter uma mulher em quem se espelhar, alguém forte e valente, como sua mãe. O que implica na falta de grandes modelos femininos na cultura do país.

O desastre acontece. Wadley se encontra vivendo em escombros do que outrora fora seu bairro. Sua mãe, sem trabalho, não pode pagar a escola, e Wadley passa os dias buscando água. Até que descobre que a escola voltou a funcionar, vai a aula e é impedida pela professora, pois não pode pagar.

Contudo não esmorece perante esse empecilho, volta todos os dias e declara, quando a professora ordena que vá embora, “Voltarei todos os dias, até que me deixe ficar.” Tocada por sua força de vontade a professora consente e Wadley pode voltar a estudar.

Narração: Cate Blanchet

Escritora: Edwidge Danticat

3- Suma



Figura 11- Reprodução retirada da internet. Em: <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

Este capítulo se passa no Nepal, onde quando Suma tinha seis anos, em vez de ser mandada a escola, como seus irmãos, foi entregue para trabalhar em troca de comida e proteção, isto se chama kamlari. Suma teve três mestres.

O primeiro, que a acolheu quando criança, forçava-a a trabalhar das 4h da manhã até tarde da noite, lavando a louça, cuidando dos animais e da casa e servindo as crianças que a tratavam muito mal. Seu segundo mestre costumava chamá-la de “garota sem sorte” e durante a narrativa é mencionado que ela não pode falar sobre tudo que lhe aconteceu, mas que nunca se esquecerá. É neste período que a menina começou a fazer música, pois era a única coisa que tornava sua vida mais suportável. A trilha sonora deste trecho são as canções que a própria Suma fez e canta, falando sobre seus dissabores e sofrimentos. Na casa de seu terceiro mestre, quando tinha 11 anos, as coisas começam a mudar, pois um inquilino, professor chamado Bimal Sir, convenceu seu mestre a matriculá-la no ensino noturno. Após um tempo a assistente social que ministrava as aulas foi falar com o mestre de Suma e insistiu, falando sobre a lei, justiça e injustiça, até que ele resolveu libertar a menina. Suma foi a última kamlari de sua família, agora é a mestra de sua própria vida e ajuda meninas que estão na mesma situação.

Narração: Kerry Washington

Escritora: Manjusheree Thapa

4- Yasmin



Figura 12- Reprodução retirada da internet. Em: <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

O quarto capítulo acontece no Egito e por questões de segurança pessoal a menina recebeu o codinome de Yasmin, pois relata a denúncia que a menina de 12 anos tinha a fazer.

A história de Yasmin é contada, em grande parte, através de um desenho animado no qual a garota conta que ao ir comprar suco com Aya, sua amiga, um homem que passava oferece carona e depois diz que tem suco na própria casa. Ele começa a ir por caminhos escuros e a amiga de Yasmin, com medo, foge, mas ela não, porque se considera uma super heroína forte e corajosa.

O homem lhe dá o suco e depois diz que vai levá-la embora, em vez disso a leva pra um lugar escuro e a ataca, mas Yasmin é corajosa e luta por sua honra. Ela levava uma faca escondida nas roupas e o fere, ele implora que ela não o mate e Yasmin, como uma verdadeira heroína, poupa sua vida.

“Ele era forte, mas eu sou mais forte.” A garota diz, sem se vitimizar e querendo mostrar para todos o seu verdadeiro valor. Mesmo sem jamais ter ido para a escola, sem saber ler ou escrever Yasmin é forte. E se além disso tudo pudesse estudar? Mas isso não vai acontecer, pois ela está noiva e se casará logo.

Narração: Chloë Moretz

Escritora: Mona Eltahawy

5- Azmera



Figura 13- Reprodução retirada da internet. Em: <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

A quinta história é sobre Azmera e se passa na Etiópia. Única filha sobrevivente de uma mãe viúva e irmã mais nova de um rapaz que teve de deixar a escola para trabalhar quando o pai morreu. Quanto sofrimento pode agüentar uma mulher?

Os anciãos da aldeia disseram que se Etenesh, mãe de Azmera, não casasse a filha enquanto ainda era jovem, então, sua filha morreria. Um dia um estranho apareceu pedindo para se casar com Azmera e Etenesh o deixou entrar, pois acreditava que ali existia uma chance, uma única possibilidade. Na Etiópia era assim que era feito, era tradição. Mas Misalu, irmão de Azmera, não deixou que sua irmã fosse dada em casamento e disse que venderia tudo o que possuía para manter sua irmã na escola, para dar-lhe o presente de uma vida de escolhas. Para dar a ela as chances que ele nunca teve.

É assim que acontece, uma garota segue a outra até que juntas elas caminham em direção a algo, um futuro.

Narração: Meryl Streep

Escritora: Maaza Mengiste

6- Ruksana



Figura 14- Reprodução retirada da internet. Em: <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

O sexto episódio tem como pano de fundo a Índia e a história de Ruksana, uma menina que mora na rua com sua família e ainda assim é uma das que tem sorte. Apesar de seus pais não terem dinheiro para comprar uma casa fazem o que podem para manter as filhas na escola, pois sabem, que a melhor chance que suas filhas têm é a escola e querem que elas tenham oportunidades e sejam felizes.

A menina adora desenhar, em seu trecho existem animações de flores e animais coloridos representando sua imaginação. Distraída é expulsa da sala de aula por estar desenhando, mas em vez de seu pai brigar com ela, ele a leva até uma loja, e apesar de serem muito pobres, compra uma caixa de lápis de cor, mas insiste para que Ruksana preste atenção nas aulas e estude muito.

Apesar de sua mãe querer voltar para o campo, depois de Ruksana ser importunada por bandidos, de terem seu barraco destruído pela polícia, de sofrer maus tratos no abrigo nunca perdeu a esperança. E quando seus pais decidem que fiquem na cidade para que ela e suas irmãs continuem indo a escola, apesar de todas as dificuldades é quando Ruksana aprende a sempre persistir e nunca esmorecer. Ela aprende que nunca deve desistir de um futuro melhor.

Narração: Priyanka Chopra

Escrita: Soonni Taraporavela

7- Senna



Figura 15- Reprodução retirada da internet. Em: <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

“Se um nome de guerreira foi o primeiro presente que meu pai me deu, um coração valente foi o segundo.” Assim começa essa história, Senna, nomeada em homenagem a guerreira Xena, mora no Peru no mais alto ajuntamento humano nos Andes e foi responsabilizada por seu pai a ser uma defensora intrépida dos pobres. Este trecho é todo em preto e branco, para mostrar a hostilidade do ambiente das montanhas.

Seu pai era um mineiro que, após um deslizamento, nunca mais conseguiu voltar as minas e adoeceu. Até que um dia a mãe de Senna diz que vai descer a montanha procurar alguém que consiga curar seu marido, mas Senna nunca mais vê seu pai, pois ele morre ao chegar ao sopé.

Furiosa com a vida Senna amaldiçoa as minas, o ouro do qual nunca viu nem o brilho, a montanha até que um dia descobre o poema Los heraldos negros de César Vallejo e sua vida muda, aquelas palavras são como tesouros. Senna se torna uma poetisa e usa do seu talento para transformar treva em luz e medo em vontade, ganha o concurso de poesia da escola.

Então Senna soube que seu pai tinha razão, conhecimento é força e ela iria ser uma engenheira, como ele sonhara, e que a fortuna que ele sempre procurara estava enterrada nela. Era só uma questão de encontrá-la.

Narração: Salma Hayek

Escritora: Marie Arana

8- Mariama



Figura 16- Reprodução retirada da internet. Em: <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

Em Serra Leão se passa a história de Mariama e o oitavo episódio que também usa de animação e muitas cores, mostrando como ela é feliz. A mãe de Mariama casou-se com o tio da jovem, após ficar viúva. Depois seu tio, ou como ela o chama Papa, casou novamente com Halla e ela considera sua família perfeita.

Mariama é a primeira da sua família a ir à escola e o momento mais emocionante da sua vida foi quando conseguiu um emprego na rádio Eagle Africa, onde locuta um programa em que cada semana se discute um problema relacionado ao cotidiano e com isso pode ajudar meninas do país todo.

Mas Papa estava com problemas, pois pessoas da cidade acusavam que não ficava bem Mariama trabalhar na rádio e sair de noite com os amigos do trabalho. Um dia Papa a proibiu de locutar o programa, ela tentou dissuadi-lo, mas foi em vão.

Talvez ela precisasse de ajuda e Halla seria sua força. Halla ouviu o programa e gostou e fez com que Papa ouvisse o que Mariama tinha a dizer, o quanto ela poderia ajudar outras meninas. Então ele concordou que ela voltasse, mas só se voltasse direto pra casa e sempre avisasse onde estava. Nada poderia detê-la agora.

Narração: Selena Gomes

Escritora: Aminatta Forna

9- Amina



Figura 17- Reprodução retirada da internet. Em: <http://www.flickr.com/photos/10x10act>

A última história se passa no Afeganistão e por motivos de proteção pessoal a menina será chamada de Amina. Pois, se alguém ouvisse suas palavras, pai, marido, irmão ou compatriotas, talvez eles a matassem. Por querer aprender a ler, por ter opinião, por ser uma menina.

Colocada para trabalhar desde os três anos, Amina compreendeu cedo qual seu papel, servir. Amina aprendeu a ler, a escrever e sabia do seu privilégio. Em outras partes do país meninas eram proibidas de sair de casa. Sua mãe não sabia ler, nem escrever.

Aos 11 anos foi vendida em casamento para um primo, com o dinheiro da transação seus pais compraram um carro usado pro seu irmão mais velho. Quando seu primeiro filho nasceu, um menino, só o que sentia era impaciência porque era pobre, oprimida, menosprezada. Seu corpo um recurso a ser usado para o prazer ou lucros dos homens, sua mente, sua vontade não tinham importância.

Mas Amina se recusou a ser silenciada, voltou a estudar e encontrou um modo de prevalecer, de se fazer ouvir. Ela é a mudança de seu país, o futuro se encontra nela e ela não vai desistir.

Narração: Anna Hathaway

Escritora: Zarghuna Kargar

5-) Considerações finais

A partir deste trabalho, do estudo teórico da história da mulher e da educação se torna óbvia a segregação sexual que a mulher tem sofrido e ainda sofre. A mulher tem sido considerada uma intrusa em qualquer instância, de alguma forma alguém menor e sem valor, sua única utilidade é servir.

Julgando sua natureza como debilidade de espírito o patriarcado tentou sublimar sua vontade e ignorar sua humanidade, mas as coisas estão mudando. Isso vem acontecendo há um tempo já e é chegada à hora da mudança ocorrer em escala universal, é chegado o tempo de reconsiderar muitas coisas que vem sendo tomadas como certas por serem tradição.

A questão educacional é do interesse de todos e não pode mais ser deixada de lado, essas meninas menosprezadas são o futuro das nações, é premente que lhes seja dada uma oportunidade de aprender. Aprender quem são no mundo e quais e como podem ser desenvolvidos seus potenciais, perceber que têm valor e sua existência tem um significado maior, viverem livres e sem temor, capazes de dizer não e reinventarem sua realidade de forma global.

E o que existe de mais global além da internet? Que outro meio de comunicação é capaz de ligar o rincão mais distante da África a maior cidade dos Estados Unidos, a América do Sul ao Oriente Médio? Onde se encontram tantas informações, inovações e causas que, capazes de abraçar o mundo, podem solucionar tantos problemas e beneficiar tanta gente?

A vida virtual se entrelaça de forma profunda com o mundo real e cada vez mais as pessoas tomam consciência da necessidade de disseminar conhecimento e de se posicionarem perante as injustiças mundiais. O fato de serem capazes de ajudar uma causa, por mais distante que se encontrem instiga no ser humano o desejo de se engajar e lhe dá a certeza de que o indivíduo, o sujeito comum pode ser um instrumento de mudança e melhoria social.

Já não se pode considerar o ciberativismo apenas como uma alternativa ao ativismo real, o ciberativismo é tão verdadeiro quanto e pode ser eficaz e provocar

mudanças da mesma forma. A legitimidade das iniciativas é inquestionável e seus efeitos, às vezes, podem até ser melhores, pois a propagação é exponencialmente maior. Não existem limites de tempo, nem barreiras geográficas e cada vez mais se torna um meio de unir pessoas de diferentes históricos e lugares a se unirem em prol de causas nas quais acreditam.

O filme pode não dar uma solução verdadeira a questão da educação dessas meninas, além e ignorar a parcela ocidental de mulheres que também encontram empecilhos na educação de outras formas, mas oferece um meio, uma chance e traz o tema à tona, o põe em questão e suscita o debate. Pois, apesar de *Girl Rising* ser um filme sobre a educação feminina em países em desenvolvimento é possível dizer que a educação dos países desenvolvidos realmente considera o feminino? Leva em conta as potencialidades ditas femininas como características a serem almejadas ou cultivadas? A resposta é não. A educação é masculina e o mundo é focado no masculino, não que isso seja ruim, mas ignora e desdenha qualquer outro tipo de aproximação que possa existir a assuntos de interesse geral. Fica claro que mudanças no sistema educacional precisam acontecer para que realidades possam ser modificadas e a sociedade possa evoluir e assim incluir.

Portanto fica óbvia a necessidade do engajamento e a utilidade do ciberativismo como uma plataforma dinâmica de mudança social, além de despertar indagações e expor perante um público amplo e variado questões que nem sempre são levadas em conta pela mídia tradicional. O ciberativismo pode ser feito da pessoa comum para a pessoa comum, mas com assuntos que concernem a todos. Essa entrega, esse envolvimento pessoal é o que torna essa forma de dedicação muito rica e essa integração entre ciberativismo e causas de âmbito global útil para a sociedade como um todo.

Assim, é possível ver como a comunicação se torna peça fundamental no processo de construção de um mundo melhor. É a única coisa que permeia todos os campos de estudo da humanidade, a base da sociedade é a comunicação, o processo comunicacional é intrínseco ao homem.

É o que o leva adiante e o faz evoluir, está diretamente ligada aos sentidos humanos e é através do entendimento e do processo de passar para frente o que se aprendeu que se iniciam os processos de mudança.

Dito isto, não se pode esquecer o papel primordial realizado pela Comunicação Social de construtora e organizadora entre o fazer e o teorizar. Como o óleo de uma engrenagem a comunicação social tem, como um de seus aspectos, a nobre tarefa de mediar esse diálogo. Então, é imprescindível que os profissionais da área de Comunicação Social se inteirem dessa nova frente de ação e empenhem seus esforços, sua profunda base teórica na meta de transformar em realidade o sonho da igualdade econômica, social e educacional.

Referências

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Tradução: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BARDWICK, Judith M. **Mulher sociedade transição**. São Paulo: Difel, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

EBY, Frederick. **História da educação moderna**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes Ltda., 1971.

GILES, Thomas Ransom. **História da educação**. São Paulo: Epu, 1987.

HOWE, Jeff. **O poder das multidões**: por que a força da coletividade está remodelando o futuro dos negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Editora Aleph Ltda, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999.

LIMA, Maria Conceição. **Produzindo coletivamente na web**: A Tecnologia Wiki. São Paulo: Biblioteca 24x7, 2009.

MAYER, Frederick. **A history of educational thought**. Columbus: Charles E. Merrill Books, 1960.

MURARO, Rose Marie. **A mulher na construção do mundo futuro**. Rio de Janeiro: VozesLtda.,1972.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Rio De Janeiro: Rosa dos Tempos,1992.

ROSA, Maria da Glória de. **A educação através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1972.

ROUSSEAU, Jean Jaques. **Emílio ou Da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

UNESCO. **Youth and skills: Putting education to work**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2012.

WOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1928.

Referência Eletrônica

CHADE, Jamil. **Estadão notícias**. 25 mai. 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,no-mundo-75-da-populacao-ainda-nao-tem-acesso-a-internet,556522,0.htm>. Acessado em: 22 jan. 2014.

FREITAS, Carlos. **Diário da manhã**. 07 jun. 2013. Disponível em: <http://www.dm.com.br/texto/119460>. Acessado em: 07 jan. 2014.

FRIAS, Daniel. **A mulher da Grécia Antiga e possíveis aspectos da cultura grega na contemporaneidade**. 14 dez. 2010. Disponível em: <http://achronus.blogspot.com.br/2010/12/mulher-da-grecia-antiga-e-aspectos-da.html>. Acessado em: 03 dez. 2012.

MACEDO, Robson Silva. **A educação no iluminismo**. 15 jul. 2008. Disponível em: <http://historiaefilosofiadaeducacao.blogspot.com.br/2008/07/v-educacao-no-iluminismo.html>. Acessado em: 14 jan. 2014.

Mcluhan, Eric. **On the source of the phrase global village**. Disponível em: <http://www.marshallmcluhan.com/common-questions/>. Acessado em: 22 jan. 2014.

MUSTAFÁ, Ricardo Migliorini. **Teoria da justiça e a relação entre os povos**. Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/Juridica/article/viewFile/3100/2862>. Acessado em: 02 jan 2014

RAZZO, Francisco. **Mulheres na idade média**. 17 jan. 2012. Disponível em: <http://www.franciscorazzo.com/2012/01/17/mulheres-idade-media/>. Acessado dia 03 dez. 2013.

SANTOS, Milton. Folha online. **Por uma globalização mais humana**. 15 out. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u351805.shtml>.

SILVA, Cláudia Ribeiro. **A mulher na Roma antiga: vida pública e privada**. 27 jan. 2013. Disponível em: <http://www.slideshare.net/clauidiarisil/artigo-a-mulher-na-roma-antiga>. Acessado dia 03 dez. 2013.

UGARTE, David. **O poder das redes**. Edição eletrônica, 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/23701745/O-Poder-das-Redes-David-de-Ugarte>. Acessado em: 23 jan. 2014.

VASCONCELOS, Yuri. **O que é ciberativismo?** Jun. 2008. Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_281598.shtml. Acessado em: 24 jan. 2014.